

---

Qual é o lugar apropriado para o desdobramento de uma prática psicanalítica?

Para responder a essa pergunta com rigor, precisamos estabelecer como se define um lugar em psicanálise. As questões de lugar e tempo, na nossa disciplina, antes de qualquer parâmetro externo e objetivo, antes de qualquer geografia ou cubículo, requerem uma leitura desde a posição do inconsciente. Assim como a temporalidade na qual opera o significante se situa pelo tempo lógico, em que se articulam o sujeito e o Outro no campo da linguagem – sem que nisso a cronologia faça mais do que atrapalhar um pouco as coisas –, também o corpo ocupa uma posição num espaço cujos parâmetros são determinados pela lógica do fantasma, ou seja, pela condição de letra de um discurso que cada fatia dele suporta.

Dito de uma forma mais simples – e, como toda simplicidade, mais obscura –, lugar e tempo, para o sujeito do desejo, definem-se pela linguagem que ordena as suas representações, introduzindo nisso ideais e fantasias que, ao mesmo tempo que violentam qualquer calendário, excedem e transtornam qualquer perímetro.

Por isso o lugar apropriado para a prática psicanalítica é a linguagem. Porém, não como sistema inerte ou ordenamento fixo (onde a gramática ou a sintaxe não fariam mais do que substituir, na operação lógica, o papel que cronologia e geometria teriam na objetivação de tempo e lugar), mas como ato de fala, onde cada sujeito, de certo modo, estaria, passo a passo, criando sua própria versão da linguagem. Ou seja, a linguagem como organismo vivo. O que Lacan batizou como *lalangue*, costumeiramente traduzido ao português como *alíngua*, mas que talvez fosse mais adequado traduzir como *falalinguagem* – uma linguagem em ato falante.

E o divã, então? Se trata – como todo mundo sabe – desse pequeno dispositivo inventado por Sigmund Freud para evitar que as falhas da língua sejam recheadas por pequenos fragmentos escópicos. Gestos e traços que, inconscientemente colhidos pela angústia do sujeito, permitem-lhe iludir-se com uma transmissão de sentido aparentemente completa. Por isso, a suspensão do olhar contribui para impedir que as lacunas do discurso sejam

empurradas para embaixo do “tapete mágico” do olhar. É só fazer o exercício de olhar a TV sem som, ou escutar seu som sem imagem na tela, para perceber claramente como isso funciona.

De fato, o divã facilita o trabalho do psicanalista e situa o circuito pulsional do analisante no percurso mais propício para o confronto de seu *eu* com seu fantasma, permitindo que pela via da transferência se constitua o lugar terceiro, lugar de onde tornar-se-á possível decifrar seu sintoma.

Mas, esses quatro lugares – *eu*, *fantasma*, *semblante transferencial*, *sintoma* – já se encontram na linguagem mesma, o que torna possível a intervenção analítica em geografias tão distantes como o convés de um navio (a análise de Karl Abraham realizada por S. Freud durante a travessia em direção aos Estados Unidos), um hospital (como na proposta do mesmo S. Freud no Congresso Psicanalítico de Budapest, em 1919), ou no texto de um jornal, como aconteceu com a frase “A mulher não existe” de Jacques Lacan, que tanto escândalo interpretativo provocou quando publicada nas páginas de *Le Monde*.

### NOTÍCIA DA JORNADA DO PERCURSO DE ESCOLA III 01 DE JULHO DE 2000

O tempo passa rápido. Já é a terceira turma de colegas que chega ao término desta proposta de estudo sistematizado que é o Percurso de Escola. Como sabemos, o Percurso de Escola foi uma invenção da APPOA, que destinou-se a fundar um espaço de estudo e transmissão da psicanálise, com uma configuração diversa das experiências até então constituídas pela instituição – os cartéis, os seminários e os grupos de estudo.

O tema da transmissão da psicanálise é sempre um desafio, pois sabemos que o que se transmite não é da ordem de um saber acadêmico, trata-se, antes, da transmissão de uma experiência. Sem dúvida, aqueles que compareceram à Jornada do Percurso III, realizada na sede da APPOA, no dia 01 de julho de 2000, tiveram mostras dos efeitos destes três anos de estudos, através dos primorosos e tocantes trabalhos apresentados pelos colegas. Ao longo da Jornada, ouvimos cada palestrante evocar os interrogantes e as formulações decorrentes de suas práticas, ocorram estas em instituições, em projetos de pesquisa ou em consultórios privados, demonstrando que não é o enquadre que garante um trabalho psicanalítico, mas, sim, a posição ética do analista.

O significante *passagens* constituiu uma espécie de fio condutor, permeando as apresentações. Falou-se da passagem dos traços da cultura local para a história singular do tratamento de um menino, da passagem de uma posição de objeto à de sujeito, do trabalho psíquico que concerne ao envelhecimento e à adolescência, da passagem do singular ao social.

A realização desta jornada refere-se, também, a uma passagem: momento de dar testemunho dos efeitos da transmissão, através da exposição de uma produção que traz a marca do singular. Ou seja, as *passagens*, tal como a transmissão, são da ordem da experiência.

Maria Lúcia Müller Stein

**SEMINÁRIO COM JEANNE MARIE GAGNEBIN**

Jeanne Marie Gagnebin é filósofa. Professora titular do Departamento de Filosofia da PUC/SP e Professora Livre-docente do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP. Coordenadora do Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia da PUC/SP, de agosto de 1987 a julho de 1999. Autora dos livros: "Walter Benjamin: os cacos da história", Brasiliense, SP, 1982; "História e narração em Walter Benjamin", Perspectiva, SP, 1994; "Sete aulas sobre linguagem, memória e história", Imago, SP, 1997.

## DATAS E LOCAL:

Dias 4, 5, 6/09/2000 das 9h às 12h (Instituto de Artes, UFRGS)  
Dia 4/09/2000 - conferência às 19h (APPOA – Faria Santos, 258)

PROMOÇÃO CONJUNTA: PPG Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, UFRGS e PPG Artes Visuais, Instituto de Artes, UFRGS

**SEMINÁRIO****NARRAÇÃO TRADICIONAL E IMPOSSIBILIDADE DE NARRAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE – O PENSAMENTO DE WALTER BENJAMIN**

1º Seminário: 04/09 – das 9h às 12h

*Narração tradicional e impossibilidade da narração na contemporaneidade*

Textos Preparatórios:

\* Walter Benjamin, Obras Escolhidas I, Brasiliense, 1994.

– "Experiência e pobreza" e "O narrador"

2º Seminário 05/09 – das 9h às 12h

*Narração, transmissão, tradição: o exemplo de Kafka*

Textos Preparatórios:

\* Walter Benjamin, Obras Escolhidas I, Brasiliense, 1994

– Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte

\* Carta de W. Benjamin a G. Scholem, Trad. Modesto Carone in: Novos Estudos CEBRAP, nº 35, março de 1993

\* Walter Benjamin, Franz Kafka: pendant la construction de la muraille de chine (mimeo. Tradução de J. M. Gagnebin)

\* Franz Kafka: "O processo (Cia. das Letras, SP)"; "A metamorfose" (Cia. das Letras, SP), "Um artista da fome" (Cia. das Letras, SP); "Construindo a muralha da China"

3º Seminário – 06/09 das 9h às 12h

*Narração, transmissão e história*

Textos Preparatórios:

\* Walter Benjamin, Obras Escolhidas I, Brasiliense, 1994

- Sobre o conceito de História

4º Seminário – (Conferência) – 04/09 às 19h

*"Linguagem como corpo do pensamento: reflexões sobre a linguagem filosófica em T.W. Adorno e W. Benjamin"*

**ATIVIDADES DE ENSINO**

Informamos algumas das atividades de ensino programadas para o mês de agosto:

**EXERCÍCIOS CLÍNICOS**

"A clínica com adolescentes institucionalizados"

Proponente: Maria Cristina Poli Felippi

Debatedores: Rosane Ramalho e Lúcia Mees

Data: 01/08 – Horário: 20h

**SEMINÁRIOS**

"A determinação literária do sujeito moderno" - Maria Rita Kehl

19/08 – Modernidade e individualismo: autonomia, liberdade e desamparo

"Teoria e clínica psicanalítica da adolescência" - Rodolpho Ruffino

26/08 – O traumático na adolescência (alteração de data)

Comissão de Ensino

### OS NOMES-DO-PAI – UMA LEITURA DO SEMINÁRIO

No dia 20 de junho passado, tivemos mais uma reunião do cartel preparatório ao Congresso e ao Colóquio deste ano. Desta vez o tema de trabalho foi o seminário de Lacan “Os nomes-do-pai” (“Les non-dupes errent”). Robson Pereira encarregou-se de fazer uma apresentação do seminário e conduzir a discussão a partir de alguns eixos conceituais do Seminário 21. Sua fala nos fez lembrar das muitas questões que este texto levanta. Algumas delas, passamos a descrever a seguir.

Revisitar este seminário a propósito do Congresso sobre *Brasil: Descoberta* <sup>À</sup> <sub>V</sub> *Invenção* e do Colóquio: *Questões sobre o Outro*, certamente não se faz ao acaso. Já nos deparamos, nestas nossas reuniões de preparação, com questões sobre o “UM” nacional, por exemplo, ou de uma certa tradição brasileira da busca de uma identidade nacional, ou de algo que se constituísse enfim como genuinamente brasileiro. Se cáissemos pelo lado das definições, estas certamente não teriam fim e, muito provavelmente, passariam de 500.

Este seminário, então, levanta questões sobre singular/plural, e, a propósito disto, nos deparamos com o título, sugerido inicialmente, por alguns colegas franceses para o Colóquio: O Outro na América Latina. Isto faria pensar num Outro específico para a América Latina? Outro tem plural? Podemos pensar em 500 Outros? Um para cada país, ou um para cada pessoa...? Também ouvimos muito, a propósito das comemorações do aniversário da “descoberta”: *Aqui são outros 500!*

Interrogar uma proposição, negando-a, e propondo outra, não será uma forma de tomar a questão pelo mesmo viés, porém oposto? Dizer que aqui é outra história é, no mínimo, propor a divisão eu/outro.

Outro é escrito com maiúscula, porque se refere ao simbólico, código lacaniano para marcar a diferença da restrição e evitar o risco, sempre presente, de entendimento reducionista do encontro no laço social ser apenas com o outro semelhante. O Outro é o lugar que inclui o outro – par imaginário –, mas também o lugar onde se situa aquilo que determina o sujeito, mesmo

tendo o estatuto de ser anterior e exterior a ele, aquilo do que o sujeito depende fundamentalmente. O Outro, então, não é o estranho nem o semelhante, mas ambos.

As condições para a produção de um novo saber dão-se, assim, pela “mistura” entre a experiência local e a referência de origem. Porém, é completamente diferente tomar a questão desde seus restos históricos – os fenômenos históricos definindo os sujeitos advindos de culturas coloniais – ou tomá-la desde o que os “vestígios” do nome-do-pai nessas culturas pôde formar. Daí nossa imersão nessa língua que nos constitui. Poderíamos, então, falar em “novas versões do pai”, como nos sugere Alfredo Jerusalinski, abrindo portas para uma nova cultura.

A idéia do declínio da função paterna, ou de um pai não tão bem fundado, traz em si uma queixa de declínio do pai imaginário. Isso pode conduzir a um efeito nostálgico: situar no passado patriarcal um ideal, reiterando que o que existe agora não serve.

A suposta falta do “um nacional” remeteria a uma insuficiência da marca paterna e à “origem perdida”, referente à ilusão da restituição de algo que na Europa teria ficado. A necessidade de fundar e refundar uma filiação só ratifica, paradoxalmente, a suposição da insuficiência. É importante abordar essa questão a partir da “construção do pai” enquanto um projeto do neurótico, e não tratar das conseqüências de seu fracasso. Não interessa falar em fracasso paterno – pois isso é algo de constituinte –, mas falar dessa “construção”. Insistir no ponto de que para o brasileiro falta pai é o mesmo que insistir na afirmação de que para a histeria falta pai, e isso é irremediável, pois seria como ficar rebatendo sobre um fato de estrutura, recolocando sempre uma queixa em torno da insuficiência. Por outro lado, caberia acrescentar que essa idéia do declínio da função paterna traz em si uma queixa de declínio do pai imaginário.

O esclarecimento em torno do que seria a diminuição do valor da imagem paterna e do que seria uma suposta insuficiência da função simbólica do pai faz-se necessário para melhor articular as questões. Esses são conceitos distintos. Enquanto o primeiro diz respeito ao pai e à sua figura, e,

ainda, a suas funções no cotidiano da realidade; o segundo, diz-lhe respeito somente de uma forma enviesada, pois refere-se ao Nome-do-Pai, metáfora que atribui efeito simbólico à figura paterna.

Fazer a afirmação reiterada do pai, partindo da suposição de que a função simbólica do pai no Brasil não é suficiente, é tão problemático quanto retornar à afirmação da identidade. Pode também trazer conseqüências clínicas, no trabalho analítico, não muito interessantes, como por exemplo a tentativa de se fazer a suplência daquilo que é suposto faltar.

Este seminário, dos Nomes-do-pai, como vimos, também levanta questões sobre memória/apagamento. O que nos constitui, portanto, não é o relato histórico linear, até mesmo porque a historiografia não nos preserva dos lapsos de memória. O legado histórico só faz sentido quando do encontro com uma história singular, individual.

A memória não é uma instância que sabe o que registra e acumula, mas um lugar que jamais saberá por inteiro o que acumula. Essa noção se aproxima do que Freud definiu como memória a partir do conceito de “traço mnêmico”. Ele vai utilizar essa expressão, ao longo de toda sua obra, para designar a forma particular como os acontecimentos inscrevem-se na memória. Os traços mnêmicos subsistem de forma permanente, mas só são reativados depois de investidos e retornam no sonho ou no sintoma, o que inelutavelmente junta memória com recalque e também possibilita afirmar que memória é o ato mesmo de apagar. Lembrar e apagar, nesse sentido, são indistintos.

Então, o que é o pai? A resposta certamente não é para ser buscada na origem, mas no efeito “só depois”, que o exercício da conjunção de uma história (colonial ou não) com ficção, com memória e com experiência traz. Exercício este, porém, que manterá a suspensão e não a sustentação.

Ou como escreveu, via mail, nossa colega Simone Rickes: falar do pai, de uma origem, supõe produzir efeitos cuja direção não está prevista. E mais, construir uma origem é estar às voltas com um ponto de chegada e não de partida. E tal trabalho se joga para todos os sujeitos, para todos os povos. Que ele seja tomado de certas peculiaridades..., bem, os elementos,

os instrumentos, que temos para este labor são os que herdamos, desta forma, temos que dar um destino aos significantes que nos precederam, o que também inscreve limites em nossa invenção, pois não são quaisquer materiais de que dispomos. Mas situar isso, não é o mesmo que pensar que haveria uma invenção mais bem posta que a outra. Mesmo que herdemos algo é preciso ver como fazemos isso trabalhar em nossa vida e em nossa cultura...

Agradecemos a Robson de Freitas Pereira a oportunidade de trabalhar sobre as questões que ele nos propôs deste seminário e, mais uma vez, convidamos todos para integrarem-se ao cartel preparatório ao Congresso e Colóquio, nos próximos dias 17 e 31 de agosto.

Carmen Backes

#### **JORNADA 500 ANOS: REDESCOBRINDO AS ORIGENS E CONSTRUINDO UMA HISTÓRIA**

Nos dias 05 e 06 de maio passado, aconteceu em Santa Maria, uma das jornadas preparatórias para o congresso *Brasil: descoberta e invenção*. O evento foi uma organização conjunta da APPOA, do Núcleo Psicanalítico de Santa Maria e do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano.

Os trabalhos apresentados pelos convidados oportunizaram, para uma numerosa e interessada platéia, reflexões sobre as relações possíveis da psicanálise com diversos campos do saber: história, direito, arquitetura, religião, artes plásticas, entre outros.

Os palestrantes trouxeram algumas questões com as quais têm se ocupado ultimamente, suas impressões e impasses. Lúcia S. Pereira partiu do livro “Dom Casmurro” de Machado de Assis para discorrer sobre o lugar desta obra na representação e na construção do ser brasileiro. Roger R. Rios problematizou as concepções de família dentro da esfera jurídica. An-

gelica R. Veras, por sua vez, trouxe seu interesse na abordagem da linguagem para analisar o recalque e constituição do sujeito.

Num outro momento rico do encontro, os professores do curso de Desenho Industrial, Carlos Alberto Barichello, Ciria Moro, Sergio Brondani e Edir Bisognin, apresentaram uma parte do projeto de pesquisa que desenvolvem junto à “Quarta colônia de imigração italiana”, que inclui um estudo detalhado sobre a cultura material dessa população. Carmen Backes com seu trabalho nos fez refletir sobre questões relativas a identidade e ser brasileiro, tema que teve desdobramento na contribuição de Norton Cezar Jr.

Na continuidade, Alberto Quintana apresentou seu estudo sobre saber popular e saber médico. Mario Fleig, na sua oportunidade, desenvolveu com muito rigor noções sobre ato fundador e as formas possíveis do sujeito se ver com a lei. Conceição Beltrão partindo de um instigante caso clínico traz as marcas que são transmissíveis a partir de uma filiação. No encerramento, Volnei Antonio Dassler trouxe suas reflexões acerca de como, desde a clínica, podemos interrogar o conceito de fato e de ficção.

Podemos ver, pelo acima transcrito, a diversidade e importância das contribuições, o que certamente favoreceu para a repercussão favorável que notamos durante e após a jornada, especialmente no âmbito acadêmico. Tal acontecimento, pela sua amplitude e pelas instituições que o convocaram, permite supor uma parceria exitosa e com possibilidades vindouras.

Cabe, portanto, um agradecimento aos envolvidos diretamente na organização e na execução desta jornada, o Centro Universitário Franciscano, o Núcleo Psicanalítico de Santa Maria, e o cartel do interior e o cartel organizador do congresso da APPOA, que apostaram nesta iniciativa.

**CONFERÊNCIA**  
**“O SUJEITO EM ESTADO LIMITE”**  
**COM JEAN-JACQUES RASSIAL**

Um sujeito somente se produz no campo do Outro, dimensionado no espaço e no tempo, ao qual chamamos de cultura. Daí a pertinência do Congresso de Psicanálise da APPOA – *Brasil: Descoberta e Invenção* que convida a nos ocuparmos do Outro circunscrito num espaço geográfico, o Brasil, e da subjetividade advinda deste contexto cultural.

Neste sentido, “O sujeito em estado limite”, tal qual Rassial nos apresenta, certamente traz elementos fundamentais para pensar o Outro na contemporaneidade, o que nos põe no cerne da temática do Colóquio Internacional APPOA/AFI: Questões sobre o Outro.

Dia: 7 de agosto

Horário: 14 horas

Local e Informações: Sede da APPOA

**CARTEL SOBRE ESTRUTURAS CLÍNICA**

Esse cartel se formou a partir de um grupo de estudos com orientação de Lucia S. Pereira, que, durante um ano e meio, discutiu a temática da cura nas diferentes estruturas clínicas. Depois de trabalharmos sobre o tema das identificações, estamos, no presente momento, estudando o Seminário 4 de Lacan.

Tendo em vista que o sujeito se constitui na relação com o Outro, o tema das relações de objeto nos parece crucial para a continuidade de nosso trabalho. O cartel está aberto a todos os interessados. Horário de funcionamento: segundas-feiras, às 10h 30min. Integrantes: Fernanda Breda Leyen, Luciane da Luz Loss e Volmir Mielczarski dos Santos.

### PROGRAMA DE PESQUISA E EXTENSÃO: ADOLESCÊNCIA E EXPERIÊNCIAS DE BORDA

A contribuição da psicanálise à psicologia do adolescente nos últimos anos foi considerar esse momento mais lógico do que cronológico, não como simples adequação do eu a novas determinações, ao mesmo tempo anatomo-fisiológicas e sociais, mas como uma operação psíquica.

De um lado, testemunhamos, na clínica psicanalítica, o processo de subjetivação como um abandono da posição infantil de assujeitamento à posição desejante na relação ao Outro. Assim sendo, a adolescência é um momento decisivo na estruturação subjetiva na qual pode ser apreendida essa passagem do laço parental ao laço social.

De outro lado, experimentamos, cotidianamente, os efeitos de sintomas sociais da modernidade, a saber, a marginalidade e a exclusão. A cada sinaleira que nos pára no trânsito, ao sermos abordados por crianças de rua, somos acometidos de um inesperado mal-estar. Mesmo sem saber como nem por que, vemo-nos responsáveis e, ao mesmo tempo, afetados ante tais figurações de fratura da nossa organização social. Estas, enquanto produtos do coletivo, interrogam intimamente nossas representações subjetivas, ponto a partir do qual cada um reconhece sua singularidade.

O adolescente, ao empenhar-se na busca e construção de um outro lugar, que não a família, a partir do qual o sujeito possa encontrar reconhecimento, questiona tanto as estruturas sociais, quanto as familiares, conjugais e subjetivas. É nesta medida que a adolescência, com suas manifestações, pode ser entendida como uma experiência de borda. Isto poderia explicar o fato de muitos sintomas sociais da atualidade parecerem constituir paradigmas próprios de tal período da vida.

#### CONFERÊNCIA INAUGURAL

*O agir adolescente* - Jean-Jacques Rassial

Data: 7 de agosto

Horário: 20 h

Local: Salão de atos 2 da Reitoria da UFRGS - Av. Paulo Gama, 110

Público-alvo: psicólogos e profissionais que se ocupam com adolescentes, estudantes de psicologia e áreas afins e interessados no tema.

Inscrições antecipadas:

\* Protocolo da Prorext/UFRGS - Av. Paulo Gama, 110 Reitoria/UFRGS - Tel.:316.3374

\* Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Rua Faria Santos, 258 - Tel.: 333.2140

Taxa de inscrição: R\$ 15,00 (profissionais) R\$ 10,00 (estudantes)

Obs: haverá inscrições no local

#### CURSO DE EXTENSÃO

##### APRESENTAÇÃO

Atividade de ensino do Programa Adolescência e experiências de borda que propõe estudar e analisar, a partir da psicanálise, a adolescência e suas manifestações como um momento privilegiado da estruturação subjetiva contemporânea.

##### OBJETIVOS

Viabilizar suportes interpretativos para a clínica privada e a prática institucional com adolescentes.

##### PÚBLICO-ALVO

Psicólogos e profissionais que se ocupam com adolescentes.

##### PROGRAMA TEMÁTICO

Será desenvolvido em torno de três eixos:

1. OS REFERENTES CORPORAIS NA ADOLESCÊNCIA
  - 1.1. A reconstituição do espelho
  - 1.2. A representação e a afirmação subjetiva: a passagem da pulsão pela língua
  - 1.3. Transtornos da oralidade a perda do corpo da infância
  - 1.4. A drogadição na adolescência
  - 1.5. Marcas corporais reais, imaginárias e simbólicas: tatuagens, piercings e outras

1 6. Identidades grupais: reconstituição dos referentes dos suportes corporais

## 2. OS REFERENTES DO ATO NA ADOLESCÊNCIA

- 2.1. A reconstituição do *fort-da*
- 2.2. *Acting-out* e passagem ao ato
- 2.3. Ato sexual e retomada do Édipo
- 2.4. O gozo da exclusão
- 2.5. A escrita como veículo do trânsito adolescente

## 3. AS INSTITUIÇÕES DA ADOLESCÊNCIA: A PASSAGEM DO PRIVADO AO PÚBLICO

- 3.1. Família e negação da transmissão
- 3.2. Os pais do adolescente
- 3.3. Função paterna e referência à lei
- 3.4. A escola e o lugar do professor
- 3.5. As instituições asilares e abrigos de passagem: o lugar da delinquência na adolescência
- 3.6. O vocacional na adolescência e a inscrição na função fálica social

### MINISTRANTES

Ana Laura Giongo Vaccaro, Ana Maria da Costa, Ângela Becker, Carlos Henrique Kessler, Carmen Backes, Diana Corso, Eda Tavares, Eduardo Mendes Ribeiro, Eliana Dable de Mello, Fernando de Oliveira, Lúcia Alves Mees, Rodolpho Ruffino, Rosane de Abreu e Silva e Valéria Rilho.

### INFORMAÇÕES GERAIS

Duração: 1 ano                      Início: 01/09/2000                      Término: ago/2001  
Horário: sextas-feiras, das 13h e 30min às 16h e 30min  
Local: Instituto de Psicologia/ UFRGS

INSCRIÇÕES: de 7 a 21 de agosto

- \* Protocolo da Prorext/UFRGS - Av. Paulo Gama, 110 Reitoria/UFRGS Tel.: 316.3374
- \* Serviço de Orientação Profissional - Av. João Pessoa, 409/ 1º and. Tel.: 316.3030
- \* Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA - Rua Farias Santos, 258 - Tel.: 333.2140      Taxa: R\$ 20,00      Mensalidade: R\$ 20,00 (x 10 meses)

ENTREVISTAS DE SELEÇÃO - Marcar pelo tel.: 316.3030 (à tarde)

### EXTENCINE

#### APRESENTAÇÃO

Atividade de extensão do Programa da Adolescência e experiências de borda que consiste no debate de questões relativas ao tema a partir de uma produção cinematográfica.

#### EXIBIÇÃO DO FILME

Filme: "Corra Lola, corra!"  
Período: de 7 a 11 de agosto  
Horário: 18h30

#### DEBATE

Data: 11 de agosto  
Horário: 18h30  
Debatedores: Diana Corso e Enéas de Souza

#### INFORMAÇÕES GERAIS:

Local: Sala Redenção/ UFRGS (Cinema universitário) - Av. Paulo Gama, 110  
Ingresso: Público em geral - R\$ 2,00      Comunidade universitária - R\$ 1,00  
Coordenação:  
Ana Maria Medeiros da Costa, Carmen Backes, Luis Fernando Lofrano de Oliveira e Valéria Rilho  
Promoção:  
Serviço de Orientação Profissional e Depto. de Psicanálise e Psicopatologia - Instituto de Psicologia/UFRGS e Associação Psicanalítica de Porto Alegre  
Apoio:  
Depto. de Difusão Cultural - PROREXT/UFRGS  
Diretoria de Proteção Especial - Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social/Governo do Estado do Rio Grande do Sul

## NOVAS PUBLICAÇÕES INCORPORADAS AO ACERVO DA BIBLIOTECA DA APPOA (abril a junho de 2000)

### LIVROS

- JOHN, Richard. *As faces da origem : morfologias possíveis para uma poética de identificações*. Porto Alegre : UFRGS, 1998. 155 p. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) – Instituto de Artes, UFRGS, 1998.
- BACKES, Carmen. *O que é ser brasileiro?*. Porto Alegre : UFRGS, 2000. 151 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, UFRGS, 2000.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; COELHO JUNIOR, Nelson. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo : Escuta, 2000. 102 p.
- CALLIGARIS, Contardo et al. *O laço conjugal*. – 2.ed. – Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1999. 159 p.
- JERUSALINSKY, Alfredo et al. *Adolescência : entre o passado e o futuro*. – 2.ed. – Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1999. 321 p.
- SOUSA, Edson Luiz André de (Org.). *Psicanálise e colonização : leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1999. 299 p.
- JERUSALINSKY, Alfredo (Org.). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. – 2.ed. rev. e ampl. – Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1999. 318 p.

### PERIÓDICOS

- Jornal do CENESPI. Porto Alegre : PUCRS, v.7, n.14, dez. 1999.
- Jornal da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre : SPRGS, v.9, n.35-36, 1999 – v.10, n.37, 2000.
- Bulletin de l'Association Freudienne Internationale. Paris : AFI, n.87-88, 2000.
- Informação, Informativo da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre : SPRGS, mar., abr., maio 2000.
- Falando Nisso... Informativo da Clínica de Psicologia da Unijuí. Ijuí : Unijuí, v.1, n.2, abr. 2000.
- Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica. Florianópolis : Maiêutica, n.1, out., n.2, nov., n.3, dez. 1999.
- Boletim de Divulgação da Associação Clínica Freudiana. Porto Alegre : ACF, v.1, n.1, maio 2000.
- Escritos da Criança. Porto Alegre : Centro Lydia Coriat, n.4, 1996.
- Literal. Jornada de Estudos : as psicoses. Campinas : Escola Lacaniana de Psicanálise de Campinas, v.1, n.2, mar. 2000.

## JORNADA PREPARATÓRIA AO CONGRESSO - RIO GRANDE “PSICANÁLISE E HISTÓRIA”

Os tempos pós-modernos são duros e exigentes. A rapidez das mudanças representam um desafio. Querem ação, visão, virtualidade e transformação constante. Somos a “sociedade do espetáculo”, das manchetes; também do conhecimento e da razão.

Mas, afinal, em que isto ajudou a resolver o nosso mal-estar, a responder os nossos questionamentos seculares ou até mesmo a melhorar o lugar onde vivemos?

Somos testemunhas, sim, das múltiplas e crescentes descobertas na área científica e das invenções tecnológicas que transformam o homem, mas que nem sempre trazem consigo a conquista por essa humanidade na dimensão pessoal e social. (...) a despeito do homem e sua época, no que tange ao mal-estar frente a inovações e renovações de uma sociedade, constatamos que Freud já afirmava: “... talvez possamos também nos familiarizarmos com a idéia de existirem dificuldades ligadas à natureza da civilização, que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma”.

### PROGRAMA

- 01/09/2000 - sexta-feira - 19 horas  
*História e subjetividade: a construção da identidade do riograndino* - José Vicente de Freitas
- Rio Grande de São Pedro: Pai de Nome* - Ângela Lângaro Becker
- 02/09/2000 - sábado - 9 horas  
*Rio Grande - Psiquiatria: uma visão histórica* - Osvaldo Barbosa
- Expropriação simbólica: outros encobrimentos* - Armando Cruz
- 02/09/2000 - sábado - 14 horas  
*500 outros?* - Carmem Backes
- Terra Brasília: continuidade e ruptura* - Maria Luiza Silveira

PROMOÇÃO: Associação do Centro de Estudos e Trabalho em Psicanálise – ACETP  
APOIO: Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA  
Informações: Tel. (53) 2317186 e 2317240

PSICANÁLISE A CÉU ABERTO  
APRESENTAÇÃO

Nas diversas atividades que ocorrem no cotidiano de nossa associação, escutam-se referências a colegas cujo trabalho clínico apresenta características peculiares, estando dirigido a situações ou estados limites, bordas da vida. Tal clínica não encontra lugar no *setting* psicanalítico tradicional. Ao contrário, para que a psicanálise possa aí seguir operando seus efeitos, torna-se necessária a sua reinvenção, o que, muitas vezes, tem sido processado, por esses colegas, de forma silenciosa, individual ou isolada, premidos pelos desafios imediatos que emergem de uma prática clínica exercida cada vez mais em contextos antes impensáveis ao psicanalista.

A sessão temática que aqui se abre propõe-se como espaço de interlocução entre esses trabalhos que, apesar da sua diversidade, mantêm em comum a psicanálise como balizador teórico e ético da sua *práxis*. A pronta acolhida ao nosso convite, por parte dos profissionais contatados, talvez diga da necessidade de fundar esse diálogo de forma sistemática no interior da instituição psicanalítica, oferecendo suporte a esses “bons aventureiros” – alusão à grande aventura em que Freud mesmo se lançou.

Os textos reunidos para publicação foram organizados em dois números do correio, conforme a dois eixos temáticos. *Psicanálise a céu aberto* é o primeiro deles e diz de um trabalho clínico cujo *setting* é a praça, a rua, a cidade. Ou que se oferece como roteiro de filmagem. Convidamos todos a seguir suas trilhas.

Analice de Lima Palombini  
Maria Lúcia Müller Stein

TRANSITANDO PELA CLÍNICA DO AT<sup>1</sup>

Simone Goulart Kasper

O texto que apresento a seguir tem origem no projeto de pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, intitulado “A clínica da Psicose no espaço e tempo social: o acompanhamento terapêutico e a construção do cotidiano no contexto da cidade”. Proposto e coordenado por Analice de Lima Palombini, professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS, o projeto contou inicialmente com seis alunos do quinto semestre do curso de graduação em psicologia, que se integraram à pesquisa e iriam realizar acompanhamento terapêutico de usuários (psicóticos) da rede pública de serviços de saúde mental, como parte do programa de estágio curricular de psicopatologia.

Como colaboradora neste projeto, compartilho com a coordenação a função de acompanhar a experiência dos at’s: um trabalho que seria próximo ao da supervisão, mas que, junto ao grupo, deseja possibilitar um lugar de ancoragem, quando necessário, a essa aventura clínica que constitui o AT. Desde o início deste trabalho, em 1998, reunimo-nos semanalmente, com essa finalidade, em frente ao prédio do Instituto de Psicologia da UFRGS, ocupando ali algumas mesas da calçada. Se o AT toma a rua como espaço clínico, como não tomá-la também como espaço para pensar esta clínica?

Essas reuniões a céu aberto lançaram-nos, portanto, a um recorte da experiência do AT, particularmente a experiência com sujeitos psicóticos. Muitas vezes, em nossas reuniões, somos abordados por todo o tipo de pessoas que por ali circulam – e que provavelmente não fazem a menor idéia de que estamos numa reunião de trabalho. Isso é bastante interessante, e

<sup>1</sup> Abreviatura de “acompanhantes terapêuticos”. Para “acompanhamento terapêutico”, utilizamos “AT”.

talvez seja mesmo a grande questão de nossa práxis: como dar lugar a uma experiência singular, própria, em meio ao público, no espaço do Outro?

Exponho aqui um fragmento de um texto mais amplo. Trago algumas interrogações, algumas hipóteses que dirigem minhas reflexões em meio a essa pesquisa e que se encontram em plena elaboração – estamos construindo um trabalho, cuja forma e conteúdo renova-se a cada encontro, mas que, por vezes, deixa desprender algo de si: já existem alguns textos reunidos, alguns publicados e uma produção em vídeo.

\*\*\*

No livro “A rua como espaço clínico”, da Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia *A Casa*,<sup>2</sup> de São Paulo, o acompanhamento terapêutico é pensado como uma prática de saídas pela cidade, acompanhando o sujeito psicótico em sua circulação social, num esforço de criar marcas, de tecer fios que permitam enlaçá-lo, com sua estrutura psíquica peculiar, ao tecido social. Palombini<sup>3</sup> escreve que, uma vez que o tratamento das psicoses já não se circunscreve mais ao hospital, ganhando terreno no espaço urbano em sentido amplo, a possibilidade de acompanhar o psicótico ou neurótico grave na sua circulação pela cidade coloca-se como alternativa na construção de um espaço transicional, no sentido que Winnicott<sup>4</sup> concede ao termo, entre a referência institucional para esse sujeito e seu acesso à via e aos lugares públicos.

Considerando esta especificidade do AT – a relação ao espaço urbano –, interessa-nos aqui investigar algo do que se produz nesse encontro do sujeito psicótico com esse espaço. Para isso, proponho que se tome a cida-

<sup>2</sup> Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-dia *A Casa* (org.). *A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Escuta, 1991.

<sup>3</sup> No artigo “O louco e a rua: a clínica em movimento – mais além das fronteiras institucionais”, publicado na revista *Educação, Subjetividade e Poder*, do PPG Psicologia Social e Institucional da UFRGS, n. 6, agosto, 1999.

<sup>4</sup> Winnicott, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro : Imago, 1975.

de e seus elementos enquanto representação de alteridade ao paciente acompanhado. Não por acaso a cidade, mas porque, em relação a outros espaços do habitar, o meio urbano guarda uma maior distância (real) do corpo materno. Entendemos que, tratando-se de sujeitos psicóticos, esse fator assume grande importância, na medida em que se trabalha para que algo do desejo possa ali advir, não apenas no registro da demanda.

Pode-se olhar a cidade sob esse aspecto de um corpo coletivo que se constitui mediante uma certa ordem, uma ordem fálica, mas que deixa seus próprios buracos, lugares de exclusão ou, quem sabe, lugares excêntricos a essa ordem. Interessa-nos acompanhar o olhar à cidade desde esses lugares, com a atenção voltada para este “olhar a cidade”, sem crase. Como referência a esta reflexão, pensamos a cidade enquanto corpo coletivo – material – e como lugar de sonho – enquanto espaço ficcional.<sup>5</sup>

Antes, porém, de abordar as vicissitudes do olhar de um sujeito psicótico, quero lembrar o fragmento de um encontro entre uma criança e sua acompanhante terapêutica num percurso pela cidade. Trata-se de um menino de dez anos que sofrera várias perdas, sendo que o pai era a mais significativa destas. Sua mãe não conseguia tempo para se ocupar dele, dizendo que, ao olhá-lo, via nele o marido morto, de quem tinha muita raiva. Seu marido tivera uma amante, e o filho sabia disso. Junto à acompanhante, o menino não falava do pai; uma série de circunstâncias os inibia quanto a este assunto. Ao conversarem sobre onde gostaria de ir, o menino vacila: “... *é muito longe, acho que não vai dar...*” A acompanhante encoraja-o a dizer e, muito depois, falando baixinho, ele finalmente revela: “*É no Internacional, no estádio de futebol do Inter*”.

Eles, então, combinam o passeio. Durante o trajeto, de ônibus, ao passar pelo Parque Marinha, o menino aponta: “*Já fui ali*”. A at pergunta quem o levou: “*Meu pai*”. E ele segue contando sobre o passeio que fizera com o pai.

<sup>5</sup> Ver Rouanet, Sérgio Paulo. Revista USP.

Algo neste encontro faz desprender estas palavras sobre o pai. Seria o encontro com a at, o encontro com a imagem do parque, ou o que mais? Além disso, ao enunciar um certo ideal, o que esse menino produz? Como uma ilustração viva, a passagem pelo “Marinha” abre um importante capítulo do livro de sua história, permitindo-lhe enunciar sua mais nova versão, junto à at. É muito interessante como essa ficção se faz pelo caminho – neste caso, literalmente. A ficção é o enredo, o sonho interrompido, aquilo que garante o seu existir no campo do simbólico.

Entretanto, de que maneira um sujeito que não pode enunciar-se desejante constrói essa ficção? Tratando-se do AT, como poderia um sujeito psicótico sonhar a cidade, ou sonhar por meio dela?

Sob seu aspecto material, é comum que o psicótico domine plenamente a cidade – sua exigência ao saber total pode muito bem levá-lo a descrevê-la perfeitamente, a dominar o seu mapa, seus percursos, sua realidade viária, geográfica, arquitetônica. Escapa-lhe, porém, a fantasmagoria da cidade. E, quando ele se lança neste campo, muito do que pode alcançar nesta experiência corre o risco de se traduzir na dimensão radical do horror ou do fascínio<sup>6</sup>.

Horror *ou* fascínio? O uso da proposição não é de importância menor. Não se trata do *ou* presente no registro da dúvida, onde uma opção implica na perda de algo que já foi afirmado como possibilidade. Esse *ou* remete-nos a uma lógica de exclusão, lógica na qual o sujeito se insere, por essa mesma via: ele está fora. No entanto, algum laço esse sujeito mantém, podendo incluir-se através de uma condição polarizada: ele vive nos limites da subjetividade moderna. Augusto (1993, p. 9)<sup>7</sup>, ao esboçar as transformações que advêm com a modernidade, traz a idéia de que a sensibilidade moderna

<sup>6</sup> Ver Rosane M. Ramalho. Psicose. *Boletim APPOA*, n. 9, 1993.

<sup>7</sup>AUGUSTO, Maria Helena D. O indivíduo na teoria social e na literatura: o momento contemporâneo. *Cadernos CERU*. 4 (2).

estrutura-se entre o fascínio e o medo. Aqui, a conjunção *entre* cria um meio, define um campo tridimensional para o sujeito, onde a proposição e faz uma inclusão dos dois aspectos polarizadores.

Junto com o at, o sujeito vai percorrer o *entre*, pois, como coloca Miriam Chnaiderman,<sup>8</sup> “só o *entre* torna possível a linguagem.” O at vai dar lugar às conjunções, ainda que vivenciando-as corporalmente com o seu paciente. Ele próprio, at, é, de início, a conjunção, a ponte, até que aquele sujeito possa fazê-lo por si próprio.

Sobre criar essas conjunções, ilustrando o que poderia aludir ao olhar do sujeito psicótico ao mundo, recordo-me de uma menina de treze anos (com um diagnóstico de psicose muito provável, mas cuja inserção social parece-me bem construída) e as questões que ela coloca numa sessão recente:

P- Tu vês o programa do “Chaves”? A Chiquinha e a D. Neves são a mesma pessoa, não é? Como é que eles fazem isso?

T- Como tu imaginas?

P- Não sei. Eu estou perguntando!

T- Bom, Angélica e Diabélica são uma só ou são duas? (Referia-me a um desenho com que ela me presenteara, em que figuravam estas personagens, uma boa e a outra má.)

P- Não, elas são irmãs gêmeas, não são a mesma pessoa.

T- Acho que todos nós temos um pouco dessas duas coisas dentro da gente. O que tu achas?

P- Acho que o lado bom deve predominar. Temos que ser *bom-zinhos*.

Na sessão seguinte ela me explica, sobre a Chiquinha ser a mesma pessoa que a D. Neves:

P- É por causa do truque de câmera duplicador. Tu conheces? Como funciona?

<sup>8</sup> No artigo “Vida e morte no trabalho com psicóticos” in: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-dia A Casa (org.). *A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Escuta, 1991.

Ela já tinha sua hipótese: faz a descrição da imagem da tela da TV onde as duas personagens, Chiquinha e D. Neves, aparecem juntas. Ela o explica, não por meio de uma sobreposição de imagens, mas por “filmarem uma, filmarem a outra e colocarem uma do lado da outra, com a câmera duplicadora”. A isso ela nomeia “truque de câmera duplicador”.

Esse olhar, que inicia polarizado, pergunta-se como duas pessoas podem ser uma só. A resolução, o truque, por meio da câmera duplicadora, unifica a imagem através de uma composição semelhante a uma colagem. Essa imagem, ortopedicamente unificada, poderia configurar a imagem da “atriz”. Penso que este caso nos revela algo sobre o olhar em questão.

Cabe interrogar, com base no encontro com a cidade, a constituição desse espaço de sonho a partir do AT. Talvez o fragmento acima instrua-nos em parte quanto a este aspecto. Quais truques poderiam viabilizar uma experiência do Outro que não se traduza na anulação do sujeito psicótico? De que maneira o elemento urbano contribui aqui?

Ao acompanhar, o at “convive” com aquilo que mobiliza o olhar do sujeito psicótico, e como esse sujeito dá conta disso, ou seja, como ele o expressa, como equaciona suas sensações ante o meio urbano. Conseqüentemente, o at não se furta de lhe oferecer recursos concretos, a fim de ajudá-lo a tornar viável essa relação. Uma hipótese é que, na cena do acompanhamento, o at inclui o elemento urbano como possível figuração do Outro, intermediada por ele próprio. Esse Outro, que “encarna” por um traço no elemento urbano, não deixa de se constituir em suporte identificatório, num artefato necessário à problemática da identificação na psicose, pela via do real.

Nessa perspectiva, o at se vê diante de questões cruciais, para as quais seu trabalho busca respostas: em que lugares este sujeito encontra uma significação mínima para si? Em que fração da cidade é capaz de desejar? Onde ele pode ser ou é reconhecido?

Lembro de um fragmento do trabalho relatado por um acompanhante terapêutico, onde parece estar feita esta aposta. O sujeito acompanhado, L., é um rapaz de vinte anos, diagnosticado como esquizofrênico, que há pouco saíra de uma internação psiquiátrica.

“Entro na casa na tentativa de iluminar L., de trazê-lo à vida. Com o vínculo estabelecido no hospital, foi bastante fácil fazer com que ele saísse desse estado quase mortífero em que se encontrava. Já no primeiro acompanhamento realizado em sua casa, conversamos sobre seu ídolo Michael Jackson e ele mostrou-me as cartas que guardava de seus colegas do fã-clube. Quase todas datadas de 1995 e algumas com a data de julho de 1996. Resolvemos, então, escrever algumas cartas para suas amigas do fã-clube. Fomos postá-las em um correio próximo.

Aos poucos começamos a nos afastar mais de sua casa e, em vez de eu ensiná-lo a circular pela cidade, foi ele que me ajudou a percorrer diversos pontos de Porto Alegre, que antes eram desconhecidos para mim. Ele sempre sabia que ônibus tomar para chegar nos lugares que queria ir. Quando decide que vamos à Rádio Cidade, tive que fazer um esforço muito grande para não dissuadi-lo de seu intento, pois pensei que não iriam nos deixar entrar e que seria muito difícil chegar até lá, pois eu não sabia onde se localizava. (...)

Lá fomos nós. Ao entrar no ônibus, L. estava bastante excitado e desfrutou da viagem até o morro Santa Teresa, onde fica a Rádio. Na portaria, pediram nossos documentos e subimos ao estúdio. Tudo facilíssimo, nada complicado, como eu tinha pensado que seria.

Ao entrarmos no estúdio, L. ficou olhando, atentamente, tudo e todos. As pessoas que se encontravam no local não nos deram muita atenção, porém L. estava bastante satisfeito de estar lá, muito interessado em todos os movimentos que ocorriam. Quando o DJ trocava a música, parecia redobrar sua satisfação, pois ele aumentava o volume, deixando-o muito alto. Nesses instantes ele me olhava e sorria. Algo de sua construção delirante ganhava sentido ali: ser o homenzinho que habita a caixa de som do seu quarto”.

O at observa que, ao explorar em multiplicidade os laços com a música, L. parece fazer-se representar desde um outro lugar que não o do morto, em relação ao Outro. Se, num primeiro momento, L. é tomado na dimensão do fascínio, condição não menos ameaçadora que o lugar do morto, este fascínio vai dando lugar a uma fala sobre si mesmo que rompe com a

totalização no jogo da relação ao Outro, constituindo algum lugar para este sujeito. Haveria aí algo da construção desse espaço transicional? Qual o lugar, qual a função do olhar do at nesta cena? Que tipo de inscrição pode produzir-se a partir do AT?

Por enquanto, ficam estas e tantas outras questões. E, com a prática do AT, muitas outras perguntas: o que conhecemos de nossa cidade? O que sabemos desse “corpo” por nós habitado? Ou, como quando olhava algumas fotos com uma criança: “Cadê eu nesta cidade?”

## A FAMÍLIA EM SITUAÇÃO DE RUA ALGUNS ASPECTOS DE SUA DINÂMICA

Jorge Broide

**A** psicanálise pode estar em qualquer lugar. Pode estar na poesia, na literatura, nas ruas, nas instituições, nas políticas sociais. Melhor dizendo, ela deve estar onde a vida pulsa de forma expandida ou em luta desigual com a morte. A obra de Freud pertence à humanidade inteira e não depende de quatro paredes para existir; o pensamento e a prática clínica não são exclusivas do consultório de classe média e alta.

O método psicanalítico, que traz à luz o que está implícito, o que está inconsciente, é, além de uma terapia, um potente instrumento de investigação da realidade social. Isto porque, através da clínica, deparamo-nos com os efeitos, as configurações e os sintomas que as relações econômicas, históricas e culturais causam na conduta concreta e na subjetividade do indivíduo, da família e da instituição. Este é o tema de pesquisa<sup>1</sup> que surge a partir de uma prática profissional na área psicossocial, de aproximadamente vinte e três anos<sup>2</sup>, que se junta à vida acadêmica e que teve seu momento anterior no mestrado<sup>3</sup> desenvolvido com a população que vive da rua, ou seja,

<sup>1</sup> Este artigo está baseado no projeto de pesquisa apresentado no Doutorado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires.

<sup>2</sup> Esta práxis se deu em prisões, nas ruas, favelas, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, em organizações de defesa dos Direitos Humanos, organizações governamentais e não governamentais, hospitais, supervisão a inúmeras equipes de atendimento direto na área social, etc., além do consultório particular em psicoterapia psicanalítica individual, de casal, grupo e família e também na docência. Cabe mencionar aqui que nosso trabalho social se desenvolveu entre os anos de 1989 a 1999 no Centro Latino Americano de Estudos em Saúde Mental, em uma equipe interdisciplinar e com a supervisão científica do Dr. César Augusto Ottalagano.

<sup>3</sup> “A Rua Enquanto Instituição das Populações Marginalizadas: Uma abordagem Psicanalítica Através de Grupo Operativo.” Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no ano de 1993.

em situações clínicas bem distintas daquelas que encontramos no consultório particular.

Na psicoterapia na rua tratamos dos temas comuns de nosso ofício, ou seja, trabalhamos diretamente na transferência, fazemos apontamentos, interpretações, inclusive dos sonhos, tanto individualmente como em grupo. Ao longo destes anos, foi possível encontrar um enquadramento, ou *setting*, específico para estas situações sociais, com uma práxis clínica bastante rigorosa. Aprendemos, também, que o grupo operativo é um importantíssimo instrumento de investigação, na medida em que a dinâmica grupal é portavoiz e emergente de toda situação social – neste caso, da vida na rua – que se expõe através do inconsciente e do implícito das relações e dos sujeitos que ali vivem e que, muitas vezes, ficam escondidos no conteúdo manifesto da investigação social.

No trabalho clínico, foi possível perceber que o primeiro material que surge – seja no âmbito individual, familiar ou grupal, tanto na rua como no consultório particular, como também nas instituições – é sempre a família: de como esta formou-se, rompeu-se, fragmentou-se, e o enorme efeito que esta dinâmica teve e tem na situação atual de vida. Esta é a razão pela qual dirigimos nossa investigação a este aspecto, ou seja, o que ocorre na dinâmica familiar nas situações limites de exclusão social.

#### AS REFERÊNCIAS TEÓRICAS

No que se refere à psicanálise e sua relação com as outras áreas do conhecimento, utilizamos o posicionamento de Sartre em seu texto “Questões de método” (1995). Diz ele que cabe à filosofia a formulação de uma *Weltanschauung*, e que a sociologia e a psicanálise têm um papel fundamental enquanto ciências que possibilitam as mediações entre a visão filosófica e o homem concreto. O autor coloca que “a psicanálise, no interior de uma totalização dialética, remete por um lado às estruturas objetivas, às condições materiais, e por outro, à ação de nossa insuperável infância sobre

nossa vida de adulto”. Sendo assim, é necessário avançar sobre como se estruturam as relações sociais. Estas influências se dão a partir da história, das relações econômicas e seus desdobramentos culturais, em uma complexidade que o materialismo histórico e dialético pode abordar, pela compreensão de como se forma a infraestrutura e seus respectivos desdobramentos em superestrutura.

É a partir desta posição que são fundamentais as contribuições de outras ciências humanas, as quais, no caso específico do Brasil, têm sido importantes. Na área da geografia urbana, temos os trabalhos de Milton Santos (1996), abordando os efeitos da globalização na organização do território e nos processos de comunicação e informação do cotidiano da vida social. Nas ciências sociais, entre outras, temos as contribuições de Emir Sader (1995) e Octávio Ianni (1996), que tratam do estudo do modelo e do impacto do neoliberalismo na economia e na estrutura social nacional, continental e internacional.

São estes conhecimentos que devem ser agregados ao pensamento freudiano, o qual traz à luz, para a humanidade, conceitos tais como a existência do inconsciente, da sexualidade infantil, das pulsões, dos processos de identificação, da repressão e da transferência, que são fundamentais na constituição da subjetividade e na formação e funcionamento das sociedades e da cultura.

Toma-se aqui também um dos importantes desenvolvimentos da obra de Freud, que é a Escola Argentina de Psicanálise. É a partir de Enrique Pichon Rivière, um de seus fundadores, e de seus discípulos José Bleger, David Liberman, César Ottalagano e outros, que a prática psicanalítica foi levada diretamente ao cotidiano das relações sociais em nosso continente, possibilitando uma nova visão e abordagem do campo e do trabalho com famílias em uma concepção ampla e interdisciplinar. Pichon coloca um Homem que se constitui em uma infraestrutura, que são as relações de produção, a qual gera uma superestrutura psíquica que, em um movimento dialético, influi, por sua vez, nesta infraestrutura, formando uma espiral.

ALGUMAS CONCLUSÕES TRAZIDAS PELA CLÍNICA SOBRE  
O IMPACTO DAS SITUAÇÕES DE MISÉRIA NA RUA E NA FAMÍLIA

A observação e o trabalho clínico desenvolvidos ao longo dos anos com a população abaixo da linha de pobreza<sup>4</sup> nos permite falar de algumas características marcantes da população que vive na ou da rua<sup>5</sup>.

Inicialmente pode-se dizer que a carência material, a ausência das redes sociais e dos benefícios da cultura ou, como diz Bourdieu (1999), a exclusão do mercado de bens lingüísticos e simbólicos no interior da família, tem por consequência inundações do psiquismo, constituídas enquanto marcas mnêmicas a princípio inabordáveis – representações-coisa, dor sem palavras –, que levam à atuação em processo primário, atuação motora, a uma dificuldade na simbolização. Isto ocorre em função da intensidade da privação gerada pelas condições materiais de vida (saúde, educação, moradia, etc).

O esforço adaptativo para sobreviver na miséria é demasiado intenso. O sujeito é levado ao concreto absoluto, e sua única alternativa é o alívio imediato da pressão interna e externa. A consequência é a droga, o álcool, o individualismo, o prazer instantâneo, o desconhecimento do outro que se realiza na incapacidade de amar. Tudo isto é introjetado pela criança na vida familiar. Pode-se dizer, então, que o leite que passa do seio ao bebê, no contato físico com a mãe, é pleno de relações sociais. O bebê mama fragmentos, mama fantasmas, violência, transporte urbano, mama o medo e a

<sup>4</sup> Aqui se utiliza o conceito de pobreza segundo as definições do “Informe sobre desarrollo humano” de 1997, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Este índice é mais completo do que a renda pessoal, que fixa na América Latina a linha de pobreza abaixo do ganho de 2 dólares ao dia. No conceito de pobreza humana da ONU, além da renda, estão também a privação de anos de vida, moradia, conhecimentos, participação política e comunitária, segurança pessoal e meio ambiente.

<sup>5</sup> Segundo os critérios da UNICEF e outros organismos da ONU, a população que vive na rua é aquela que obtém o ganho e também dorme na rua. A população que vive da rua é aquela que subsiste do espaço urbano, e dorme esporadicamente na rua, vivendo de maneira muito precária em algum tipo de moradia como favela, cortiço, etc.

impossibilidade de pensar, mama o desemprego. A mãe, frente a tanta pressão e urgência, já não pode olhar este filho, ver e significar o que ele sente, o que ele necessita, pois foi expulsa do mundo para dentro de si mesma. No leite estão todos os fantasmas que agora já são do bebê, que os sente em seu corpo enquanto terror e abandono sem palavras. Esta é a criança e a família que vai para a rua.

Quando alguém vai para a rua é porque perdeu tudo o que tinha: a casa, o trabalho, a escola, as relações. Os afetos que estavam vinculados a estas diferentes instituições são agora depositados na rua, no mesmo tempo e no mesmo lugar, de maneira condensada. Há uma quebra e uma indiscriminação do espaço territorial. É ali que se trata de sobreviver e refazer os vínculos fraturados. Tudo isto se dá em um só espaço, em um só momento, como o bebê com sua mãe. Há, portanto, uma deposição maciça dos vínculos, o que produz uma relação simbiótica com a rua. A diferença é que agora trata-se de uma criança, de um adolescente, de um adulto, de uma família que sofreu perdas sucessivas. Como nos coloca César Ottalagano, a rua deve ser entendida como uma instituição (na concepção de Bleger) das populações marginalizadas. Esta instituição é regressiva. Neste espaço não há nenhum controle para a violência, e, na maior parte das vezes, é impossível sair desta situação. O sujeito torna-se prisioneiro do vínculo simbiótico que estabelece com a rua, o qual torna-se necessário à sua sobrevivência.

Na instituição rua há um outro tempo. Na situação de trabalho clínico direto com esta população, dizem-nos um dia: “saí de minha casa há seis meses”. A mesma pessoa nos diz outro dia: “saí há dois anos”. O tempo se perde nas relações regressivas da rua, no tudo/aqui/agora/neste local, nesta condensação e deslocamento. O que marca agora o tempo da vida é a perda e a exclusão e não mais o tempo cronológico: “quando minha mãe morreu”, “quando meu pai foi embora”, “quando saí de casa”, “quando adoeci”, “quando minha mulher me abandonou” e, hoje, cada vez mais, “quando fiquei desempregado”.

A única situação possível de sobrevivência para a população que está na rua é o abandono das pulsões de meta inibida – a sexualidade e a violência. É exatamente na contenção da sexualidade e da violência que, segundo

Freud, dá-se a construção da civilização. Na rua é necessária a ação direta da sexualidade, seja pela prostituição, seja pelos poucos momentos de alívio imediato de encontro com outro sujeito/corpo. Também é necessária a violência para sobreviver pelo roubo, pelo tráfico de drogas, pelos locais de subsistência e na luta contra a polícia. Desta maneira a população da rua fica alienada, excluída da cultura, na concepção que nos traz Freud em *Mal Estar da Civilização*.

A droga é uma necessidade. Não é possível sobreviver na rua sem drogar-se, já que o contato com a dor física e psíquica, com a morte, com as perdas intermináveis, com a humilhação, não possibilita outra situação do que a drogadição contínua.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas são algumas das conclusões que chegamos ao longo de tantos anos de trabalho clínico em situações sociais limites e fora do consultório. No caso da rua, é natural que surjam perguntas no sentido de como se realiza o trabalho e quais os seus efeitos e contribuições diretas às pessoas em tal estado de miséria. O que se pode dizer neste curto espaço é que, mesmo sem ter a menor notícia do que é um psicólogo ou um psicanalista, o sujeito imediatamente percebe que o tipo de conversa que lhe é proposta é muito diferente daquilo que já conhece por parte de outros atores sociais daquele espaço urbano, sejam eles pares, religiosos, policiais, traficantes, etc. Ele identifica que se trata de um outro registro – a escuta clínica – e expressa seu desejo e sua demanda na relação, trazendo abundante material sobre sua vida.

O vínculo transferencial vai estabelecendo-se na medida em que o sujeito começa a perceber que, tal como dizemos, estaremos toda a semana no mesmo dia, hora e local para escutá-lo. Este local pode ser a porta de um bar, uma praça, uma caixa de engraxar sapatos, etc. É com a regularidade da presença que vai surgindo a associação livre, na medida em que ele

percebe que pode falar qualquer coisa que ocorre no seu mundo interno ou externo. Assim, mesmo sem ter a expectativa de que estas pessoas saiam da rua, é dentro destas condições que se vai constituindo um espaço de reflexão e elaboração de perdas tão significativas. Nosso papel é o de apontar e interpretar. O grupo e a relação terapêutica tornam-se um lugar de continência, onde os fragmentos, fantasias e estilhaços começam a surgir na transferência, no sonho, na relação com os outros e vão transformando-se em palavras e pensamentos.

Geralmente é a primeira oportunidade que possuem para uma conversa sobre seus afetos e sua história. Observamos também que o trabalho grupal diminui fortemente as atuações de violência e drogadição. Na medida em que vão introjetando a dinâmica do grupo, vão ampliando seu processo secundário, o que evita graves situações. Muitas vezes emerge algum forte desejo de atuação e, com a elaboração grupal, mudam sua atitude evitando drásticas rupturas familiares ou mesmo a morte. Eles pedem ao grupo que os contenham. Em outras ocasiões, observamos que tiveram uma segurança de que não dispunham antes para enfrentar as autoridades do setor público em momentos de luta pelos seus direitos.

Para finalizar, desejamos colocar que o material clínico que nos proporciona o trabalho terapêutico e a pesquisa social deve ter consistência suficiente para que possa ser generalizado a distintas situações de miséria e, neste caso, na vida da rua. A psicanálise pode e deve contribuir com as políticas públicas, mostrando claramente o efeito das relações sociais na constituição do sujeito e propondo alternativas de ação que levem em conta este conhecimento adquirido.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLEGER, J. \_\_\_\_\_. *Simbiosis y ambigüedad*. 3. ed. Buenos Aires : Paidós, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Psico-higienie e psicologia institucional*. 2. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.
- BOURDIEU, P. (Coord.) *A miséria do mundo*. Petrópolis : Vozes, 1997.
- BROIDE, J. *A rua enquanto instituição das populações marginalizadas: uma abordagem psicanalítica através de grupo operativo*. Dissertação de mestrado

- em psicologia clinica. PUCCAMP, Campinas, 1993.
- BROIDE, J.; BRANDÃO SALES, I. *Atendimento psicanalítico a famílias que vivem na rua*. Anales del XII Congreso Latino Americano de Psicoterapia Analítica de Grupo. Tomo III. Los vínculos en América Latina. Buenos Aires, 1996.
- FREUD, S. Proyecto de psicología (1895). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires : Amorrortu, 1985. v. 1.
- \_\_\_\_\_. La interpretación de los sueños (1900). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires : Amorrortu, 1985. v. 4 e 5.
- \_\_\_\_\_. El malestar en la cultura (1930). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires : Amorrortu, 1985. v. 21.
- \_\_\_\_\_. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. Acerca de una cosmovisión (1932). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires : Amorrortu, 1985. v. 22.
- OTTALAGANO, C. A. Desorden mental y medio familiar. *Alter Jornal de estudos psicodinamicos*, v. 1 n. 2, Brasília, jan/março 1971.
- SADER, E.; GENTILI, P. (Orgs). *Pós-Neoliberalismo*. As políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1995.
- SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. M. L. (Orgs.) *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo : Hucitec, 1996.
- SARTRE, J.P. Cuestiones de método. In: \_\_\_\_\_. *Crítica de la razón dialéctica*. Buenos Aires : Losada, 1995.
- SILVA JR., I.(Coord.) *Estou no mundo da rua*. Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental, Mimeografado, São Paulo, 1990.
- SILVA JR., I.; BROIDE, J. Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental. In: Vieira, C. M. A; BEZERRA, R.E.M; MAFFEI, R.C (org). *População moradora de rua*. São Paulo : Hucitec, 1992. (Secretaria do Bem Estar do Município de São Paulo).
- PICHON RIVIÈRE, E. *Del psicoanálisis a la psicología social*. Buenos Aires : Nueva Visión, 1983. t. 1, 2 e 3.
- \_\_\_\_\_. *Teoría do vínculo*. São Paulo : Martins Fontes, 1988.
- ZITO LEMA, V. *Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière sobre el arte y la locura*. Buenos Aires : Cinco, 1986.

**LOOSING MY RELIGION:  
DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL  
REFLEXÕES SOBRE PSICANÁLISE, RELIGIÃO E VIOLÊNCIA**

Marcelo Cavalheiro

*“... fui internado onti, na cabine centoitres, d’hospício  
d’Engenho d’Dentro, só comigo tinha dez. Eu tô doente do  
peito, tô doente do coração, a minha cama já virou leito,  
disseram que eu perdi a razão...”*

Sérgio Sampaio

Quando Reagan era governador da Califórnia, ele fechou os maiores manicômios do estado, mandando para casa milhares de psicóticos. O único problema é que a maioria não tinha aonde ir, pois os hospitais eram suas casas. Como na Itália, com Basaglia, quase quarenta anos antes, os loucos, pouco a pouco, caminhavam de volta ao que eles consideravam seu lar, para encontrá-lo fechado. Em cada nova gestão, mais e mais “leitos” dos hospitais psiquiátricos estaduais americanos foram fechando. Hoje, nos EUA, temos capacidade para menos de 10% do que tínhamos, dez anos atrás, quando cheguei aqui. Ou seja, os loucos que estavam do outro lado do muro agora sentam no ônibus ao seu lado, entram em MacDonalds, correios e outras agências públicas, baleando todos, ou simplesmente vivem embaixo da ponte e pedem esmola no sinal vermelho.

O que acabou acontecendo foi o seguinte: os doentes mentais crônicos (assim como os viciados e alcoólatras) começaram a se internar voluntariamente, em busca de um lugar para dormir, de comida e de “estrutura” de vida. Já que é o governo que paga (um dia no hospital custa mais ou menos 500 dólares), além da longevidade dos aposentados também ter aumentado, o sistema de saúde mental público (assim como a aposentadoria por idade ou doença crônica) encontra-se completamente falido. Então, programas de “outreach” tentam pôr um esparadrapo na ferida desse câncer social. Na década de noventa, em San Ysidro e San Diego trabalhei com pacientes

psiquiátricos crônicos, em sua grande parte psicóticos. Hoje, trabalho em Los Angeles, no sul da Califórnia. Nos primeiros cinco anos em psiquiatria de emergência, inicialmente como terapeuta para imigrantes na fronteira mexicana, depois como coordenador clínico de uma “casa” psiquiátrica com foco em HIV+, gay&lesbian, sem-casas e doentes mentais. Nos últimos anos, como “case manager” – terapeuta, assistente social, “representative payee” (recebo e distribuo suas aposentadorias), “public conservator” (responsabilidade financeira e jurídica) – de dez a quinze pacientes crônicos de uma lista governamental dos “high users” de hospitalização, além de atender crianças e adolescentes, não tão crônicos, em uma clínica para famílias latinas em San Fernando Valley.

Minha intenção com este texto é de *ventilar* reflexões a respeito de uma clínica ambulante, a minha, que iniciou há mais de quinze anos, no Brasil. Comecei a ler Lacan em 1984 e, em 1986, ainda na UFRGS, iniciei meu estágio em psicopatologia no Instituto Psiquiátrico Forense, em Porto Alegre. Depois de trabalhar com crianças e famílias na Vila Cruzeiro do Sul, trabalhei com crianças autistas, síndrômicas e lesionadas cerebrais (87 a 90) no Centro Lydia Coriat de Porto Alegre – primeiro como acompanhante terapêutico, visitando famílias em suas casas, depois como terapeuta “de consultório” (mas, como era “play therapy”, nunca soube o que é trabalhar com uma mesa ou divã) – e, com crianças também (*agent orange*, *spina bifida*, etc.), em Salt Lake City, Utah. Em Porto Alegre, tive a oportunidade de estudar Lacan, fazer análise, supervisionar e trabalhar com os que aí são chamados de “lacanianos”. Por isso, apesar de nos últimos dez anos fazer análise e supervisionar com os que aqui são chamados “self-psychologists”, meu trabalho clínico continua muito influenciado por esses “early years” no Brasil. As reflexões que apresento aqui são bem pessoais e subjetivas (quais não são?). Não sou psicanalista nem tento ser, mas psicanálise às vezes acontece comigo e meus pacientes, nessa minha clínica ambulante de cada dia. Os nomes dos pacientes abaixo foram obviamente trocados, mas tento preservar características lingüísticas e culturais. Não se trata de uma proposta de tratamento, uma nova teoria nem nada disso, pois nem mesmo descrevo os sintomas principais, a história clínica, intervenções, etc. Esco-

lhi estes três pacientes porque, além de atendê-los inúmeras vezes em clínicas psiquiátricas de emergência, anos depois eles fizeram parte do pequeno grupo de imigrantes “high users” do sistema de saúde mental com o qual trabalhei de 1996 a 1999 em San Diego.

#### ALÉM DA LEI DE DEUS A SAGA DOS IMIGRANTES NA CALIFÓRNIA

“...o que é a transgressão da lei contra a transgressão que pertence à própria lei?”

Bertold Brecht, *Ópera dos Três Vinténs*

Visito Lupe no centro da cidade, pois ela não sai mais de casa. Trago-lhe “tortillas”, latas de feijão, tomate e porco. Lupe trabalhava de enfermeira num hospital público em El Salvador. Um dia, o exército entrou baleando todos, médicos e pacientes, pois suspeitavam que escondiam guerrilheiros. Quando acabou a munição, os soldados prometeram retornar, mas Lupe não esperou. Indo de carona até o México, onde pagou um *coyote* (profissão de atravessar gente ilegalmente para este lado da fronteira), chegou a Califórnia, onde começou a trabalhar de babá e, em poucos meses, passou a ter ataques de pânico. Forte para sobreviver a tragédias passadas, mas desesperada com sua situação atual, Lupe me diz: “Deus estava comigo”. *Estava*, pois esse deus não passou para o lado de cá do rio Tijuana.

Phat tem suas costas tatuadas em chinês, língua que ele não fala. Eu lhe trago cigarros, arroz e o guia de TV da semana. Phat fugiu de uma prisão do *Camel Rouge* no Camboja, onde vivia, para a Tailândia, onde sobreviveu de esmolas e aprendeu sua segunda língua (tailandês), até entrar num navio para as Filipinas, onde, por mais de dois anos, esperou seu visto de refúgio para os Estados Unidos. Phat é alcoólatra. Dois de seus filhos estão presos e o mais jovem é membro de uma gangue (as gangues cambojanas e vietnamitas são as mais cruéis do sul da Califórnia). Phat chupa cana e toma

cerveja, o que certamente não vai bem com sua medicina antipsicótica. “Buda – ele me diz – ficou lá no sudeste da Ásia”, “não tem Buda aqui, não Buda ficou lá com os fantasmas”. Ele caminha até a janela. Eu tento imaginar o que escreveram nas suas costas. Ele acha que era uma certa forma de marcação de prisioneiros. Com certeza, marcaram-lhe para sempre.

### CRISTO TATUADO NAS COSTAS

“... quero ficar no teu corpo como tatuagem, que é pra te dar coragem de seguir viagem...”

Chico Buarque

Sei pouco vietnamita e cambojano, então folheio o dicionário vietnamita/inglês: é mais de meia-noite e estou de plantão, fazendo um “intake” de um adolescente, que se “barricou” contra a polícia depois de colocar fogo no seu apartamento. O centro psiquiátrico indo-chinês é do outro lado da cidade, mas Toung é conhecido das enfermeiras, pois interna-se aqui quase mensalmente, desde a primeira vez, quando amputou dois dedos com um canivete. Ele vê um canto de minha tatuagem aparecendo pela manga curta da camisa e, num sorriso cúmplice, mostra a sua: Cristo crucificado. Sempre achei que tatuar é um gesto psicótico (ao qual eu recorri mais de quatro vezes!) de simbolizar no real do corpo (pai, me marca daí!) o que, por algum motivo, não entrava ou saía em palavras – tentar marcar algo para sempre, à tinta e sangue (não é o gaúcho que dá a sua palavra de honra arrancando um fio do bigode?). Os pais de Toung são budistas, convertidos cristãos, mas, para Toung, nem cortar os dedos, nem tatuar o homem-deus foi suficiente para marcá-lo, pois continua tentando castrar no real o que não castrou simbolicamente, para dizer em termos freudo-lacanianos.

O Deus dos judeus, assim como o Outro da psicanálise lacianiana, aquele que nos deixa perguntando, perplexos, “que queres de mim?”, é esse mesmo Deus de Lupe (apelido para Guadalupe, a aparição da virgem no México), esse Buda de Phat ou esse Cristo de Toung. O que muda é a

maneira como respondemos (se respondemos) a Sua demanda. Tem a resposta cristã que, como tantas outras, oferece-nos como sacrifício nessa fissura e impossibilidade do desejo do Outro, lembramos de São Francisco e os beneditinos. Oferecemo-nos, assim como, objeto de sacrifício nesta fé, pois o ato de Cristo (o único ato verdadeiro é o suicídio) tirou-nos da frigideira da ansiedade da religião judaica e trouxe-nos ao fogo do amor cristão.

Mas, como Kierkegaard pregava, mesmo dentro da instituição cristã, somente atitudes escandalosas como as de Cristo podem suspender a lei (no caso de Cristo, a velha lei judaica), parar o trânsito do sacrifício e fazer começar a falar. Quando este objeto começa a falar e a questionar, aí é outra história, pois a história vira outra. O mesmo acontece no campo freudiano, com Lacan, embora hoje, na instituição lacianiana, tudo de novo virou *rosinhas flores*, parafraseando o velho querido Guimarães Rosa.

Lupe foi vítima do exército contra-revolucionário salvadorenho financiado pelos Estados Unidos. Por isso aqui ela é “ilegal” ou, para ser politicamente correto: (com lenço, mas) sem documento. Phat e os pais de Toung foram vítimas da fanática juventude maoísta, vietnamita e chinesa; “commies” aqui, “comunas” aí, não importa, pois, como Elian (o menino cubano), são refugiados. Que a lei a qual eles foram considerados “contra” tenha sido erguida através de atrocidades, não importa. Importa de qual lado estavam, dos caubóis ou dos índios. Que significado tem, para eles, que o trauma seja isso mesmo, essa lei estrangeira (chinesa e americana) tatuada em seus corpos? Que outras saídas para estes nossos pequenos imigrantes, a não ser falar desta marca-para-sempre (ou, no caso de Toung, continuar a buscá-la)? O que acontece quando este sacrifício, esta marca tatuada no corpo, não vale pra mais nada – pois, aí onde estás, não falam tua língua, nem sabem tua história, ou a história de teu “pueblo”? Este sacrificio não foi suficiente para te outorgar um lugar de cidadão.

E o pior é que nada esta aí para fazer sentido a esta lei carrasca e absurda. Não há um Outro para o Outro – e, se há, é isso mesmo, essa hedionda atrocidade. Essa crise de legitimação põe em cheque o lugar mesmo do analista; aqui na América do Norte experienciamos o declínio deste lugar do sujeito suposto saber. Hoje, todos vão atrás de “uma segunda opi-

nião” médica quando diagnosticados com alguma doença; ou mesmo a mídia cobrindo a farmacologia, em detalhes, para o povão.

Talvez seja por isso que, atualmente, os tatuadores, clarividentes, pais-de-santos, curandeiros e tantos outros “folk-healers” aparecem como a maneira mais corrente de se trabalhar com o inconsciente. Tradicionais ou modernas, estão mais próximas da cultura de massas. Pelo menos no Brasil, França e Argentina, psicanalistas escrevem para jornais, aparecem na TV, mas, aqui, o discurso lacaniano, por exemplo (se é que existe!), é um discurso acadêmico morto, atraindo só de estruturalistas fanáticos (Derrida fã-clube: estudantes de literatura, semiótica, etc) e lésbicas brabas (“women studies”).

### LÍNGUA DA LEI É OUTRA

“... enquanto o neurótico mora na linguagem, a linguagem possui e mora no psicótico...”

Lacan, *Seminário III*

Lupe resiste a aprender inglês, então falamos em espanhol. Entregar-se a essa língua dos outros (inglês), dos *gringos*, seria perder a última batalha, perder a guerra. Phat carrega nas costas letras de uma outra língua, o chinês, e o que quer que aí esteja escrito, coordena sua vida.

Em *Cider House Rules*, de Jonh Irving, os negros viviam de acordo com uma lei básica escrita num papel na parede. Como não sabiam ler, não sabiam que lei era essa. Quando, finalmente, alguém vem para lê-la (basicamente resumia-se a não poder subir no telhado), imediatamente, ela vira convite à transgressão. Sem mais nem menos, subir no telhado parece a melhor coisa a fazer, exatamente porque nos dizem que não o podemos. Lupe está tão tatuada quanto Phat. Se deciframos a lei que coordena o cotidiano, vamos encontrar sempre uma lei arbitrária. Somos todos tatuados, desde pequenos, na maneira que nos tocam ou não tocam. As palavras e sentimentos ligados ao tocar/não tocar nos marcaram na infância, até

tatuando diferentes zonas em nossos corpos (erógenas, cosquinhas, dores). Essa língua do Outro, sempre estrangeira, nos marca, tatua, limita; faz-nos livres, assim, pois esta mesma lei é que funda as alternativas (incluindo a transgressão). Os lacanianos gostam muito disso, instituindo quase que uma ditadura do simbólico! Lacan dizia (nos anos 50, porque mais tarde acho que ele não estava tão certo disso) que a única dimensão que cura é a dimensão do simbólico. Para Lupe e Phat que, apesar de seus diagnósticos psiquiátricos, não são psicóticos, tudo bem; mas a coisa complica com Toung, pois o Outro não está aí, tudo são outros, tudo é uma possibilidade, e a mesma intervenção (interpretação pontuando os muitos significados de uma palavra, por exemplo), que cairia bem com os dois primeiros, poderia desencadear uma crise em Toung. Ou seja, se tudo é imaginário, somente podemos trabalhar aí, no nível do ego, buscando criar com o sujeito uma construção puramente imaginária que funcione “como” um Nome-do-Pai, um ponto de *capitón*...

Trabalhando com bilíngües, sempre notei que a troca da língua materna para o inglês tem o efeito de conter e organizar o paciente, enquanto que quando retornam à língua materna tudo vale: delírios, *non-sense*, etc. Assim como a criança que diz para a mãe o que quer que seja e se cala na presença do pai. A língua estrangeira, ela mesma, às vezes pode funcionar como essa bengala na falta de uma perna.

Lupe está tão tatuada quanto Phat e Toung e, como Phat, tatuado nas costas, Lupe e Toung só podem ler esta mensagem quando invertida no espelho.

Às vezes estou eu, aí, como espelho, oferecendo a imagem invertida para Lupe e Phat (apesar de Phat ser psicótico pelo DSM-IV, considero-o neurótico) – a inversão da inversão chega a eles como a mensagem em sua arbitrariedade original d’Outro; e traduzida para Toung, que, por ser realmente psicótico, não tem esta instância do Outro – tudo perigosamente vira outro, mil possibilidades, rivalidades, etc (o encontro com esse Outro é o que causa o surto). Ou seja, às vezes, psicanálise acontece. A arbitrariedade da lei, em seus corpos, deixou poucas saídas, quase nenhuma: talvez o acaso (de terminar a munção) ou o amor (um segundo de identificação com

a vítima fazendo o jovem soldado permitir a nossos imigrantes chegar aqui como aqueles que não morreram). Lá para trás, ficou Deus, Buda, a Virgem de Guadalupe e os fantasmas; aqui, nem tatuar Cristo vai ser suficiente. Isso, e mais, está tatuado em forma negativa às suas costas.

E agora? Fora do Camboja, do Vietnã, da América Central, aqui onde finalmente deveria estar livre para um “fresh-start”, sinto-me mais preso do que nunca, pois perdi esse traço identificador. Agarro-me, então, com unhas e dentes, ao que sobrou, a única marca, e revivo o trauma, dessa vez com o carrasco em minha cabeça. Cambojanos não gostam de vietnamitas, dizem que eles comem seus cachorros! E os dois não gostam de chineses, que, por sua vez, não gostam de japoneses. Mexicanos não gostam de salvadorenses, que não gostam de guatemaltecos, e ambos concordam em não gostar de porto-riquenhos e cubanos. Negros não gostam de coreanos. E por aí vai. Os bairros com suas gangues se fecham mais e mais. Não tem “melting pot” (caldeirão) coisa nenhuma, é salada de frutas mesmo. Negros mudam seus sobrenomes para X, não querendo levar a marca do dono branco (os negros carregam os sobrenomes dos donos de seus avós e bisavós escravos). Toung quer trocar seu nome para David, ele busca esta marca. Lupe prepara comida para as crianças, um quadro da outra Lupe, a Virgem, na parede. Phat corta outro pedaço de cana e abre sua última Budweiser. “Isso é a América”, eles me dizem. Toung me diz que sua próxima tatuagem vai ser de uma motocicleta Harley Davidson.

“... eu tô maluco da idéia, guiando carro na contramão, saí do palco e fui prá platéia, saí da sala e fui pô porão...”

## IMAGENS FLUTUANTES – TAPETES VOADORES DE UMA PSICANÁLISE ERRANTE

Miriam Chnaiderman

**D**eambular por uma cidade qual um caminhante solitário e por essas errâncias ir descobrindo o que nunca vemos. Instaurar um olhar, carne do mundo de uma cidade cotidiana que se torna estranha, estrangeira. Experiência única do sair pela rua procurando encontros com nossos personagens.

Em ensaio escrito juntamente com Regina Halck “Estranhas urbanidades”, citávamos Rousseau, em *Devaneios de um caminhante solitário*: “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime. Procuraram nos refinamentos de seu ódio que tormento poderia ser mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os elos que me ligavam e eles.” E citávamos Cidônia, uma das personagens de nosso filme: “Eu era moça bonita, moça de cinema, fui ficando preta e pobre, sem casa. Tiraram a casa de mim”. E concluíamos com Nietzsche: “Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra, senão como andarilho...”

Eu havia ganhado o Prêmio Estímulo da Secretaria do Estado da Cultura para fazer um curta-metragem que seria um documentário sobre os que são chamados “loucos de rua”. Pareceria tudo – dado o interesse pela saúde mental – condizente com minha atividade como psicanalista. Mas, aí já começara uma troca de papéis: o argumento do filme não era meu e sim de Reinaldo Pinheiro, que é cineasta e não é “psi”. Reinaldo se encantara com o poema de Leminski, “Todo bairro tem um louco que o bairro sabe quem é”. Esses lugares inusitados, trocados, continuaram até hoje: muita gente acha

<sup>1</sup> In: MAGALHÃES, Maria Cristina (org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

que o filme foi dirigido por Reinaldo Pinheiro e que eu teria apenas acompanhado ou feito a pesquisa. Ou que, pelo menos, o filme teria sido dirigido por mim e por Reinaldo Pinheiro. Parece inusitado que uma psicanalista possa se meter a fazer cinema...

Já no meu mestrado, dedicando-me à literatura, ouvi de vários psicanalistas a afirmação de que isso seria “gracioso”, “bonitinho”, como se pouco tivesse a contribuir para a clínica ou para pensar a teoria. Este olhar persistiu quando resolvi fazer meu doutorado em Artes Cênicas, dedicando-me ao trabalho de ator tal como foi teorizado por C. Stanislávski e traçando paralelos com a teoria freudiana. Como se fosse um capricho de psicanalista frustrada em sua carreira de artista...

É claro que essas minhas escolhas têm a ver com meu encantamento com o mundo das artes. Desde muito cedo a literatura foi parte de meu dia a dia. Hoje, não sei muito o quê fazer com meus textos de ficção - “a verdade é da ordem da ficção”.

Em um festival de cinema na Europa havia a categoria “cinema-ensaio”. Talvez seja isso o que fiz em “Dizem que sou louco”. Talvez meu próximo documentário seja um ensaio sobre a vida e a morte. Textos de ficção, meus ensaios, documentários. É possível ter essa clareza em relação ao que é um texto ficcional e o que é um ensaio teórico? No cinema-documentário, esses limites são ainda mais fluidos.

Mas, em todo esse processo, assumo que é do lugar de psicanalista que vou tanto para a literatura como para o cinema. Talvez por isso tenha dificuldade para publicar meus contos. Um psicanalista pode escrever contos eróticos e assinar? Teoricamente sim, é claro.... Afinal, a dessubjetivação nos constitui na escuta. Nesta barafunda toda tenho definido meus filmes como ensaísticos. O que não me impediu de ser co-roteirista em um curta-metragem que homenageava Carlos Zéfiro, desenhista de historcinhas eróticas dos anos sessenta. Fui co-roteirista com Reinaldo Pinheiro do curta-metragem “A desforra da titia”. O fato de uma psicanalista assinar o roteiro foi objeto de observação de José Geraldo Couto na Folha Ilustrada, na época em que o filme foi lançado. Ou seja, foi algo que chamou a atenção.

Sempre pensei que na arte poderíamos encontrar indícios para melhor entender de que forma ocorre, em um processo analítico, o trabalho com o

mundo dos afetos. Na apresentação de meu livro “Ensaio de Psicanálise e Semiótica”,<sup>2</sup> referia-me a Isaías Melsohn, que nos fala de “formas pré-reflexivas de consciência, ou seja, formas não organizadas discursivamente, linearmente, formas míticas de apreensão do universo.” Afirmava que “o que a arte busca é, exatamente, dar forma para o que não pode ser nomeado, para esse algo que parece não caber no discursivo”. Eu, naquele momento, fazia uma analogia entre o processo de construção de uma forma e a palavra como forma que perpassa o trabalho psicanalítico. Ou seja, já pensava a arte como o rasgo no simbólico em direção ao real.

Quando fiz meu mestrado em Literatura, busquei decifrar o que seria a escuta psicanalítica, que apreensão sígnica seria essa. Pensei que a literatura, na medida em que “faz buraco”, na medida em que trabalha com a letra e com o significante, poderia me instrumentalizar para pensar a clínica. Trazia como alibi a justificativa de Lacan sobre o fato de abrir seus *Escritos* com um estudo que tem como base um conto de Edgar Allan Poe: “Minha crítica, se acontece de ser tomada como literária, não saberia basear-se, eu espero, a não ser sobre o fato de Poe, sendo escritor, fazer uma tal mensagem sobre a letra”. Lacan busca a letra no conto de Poe. Assim é, para Lacan, que a psicanálise e a literatura mudam a linguagem – a literatura de vanguarda surgiria da busca do encontro entre saber e verdade. Em meu ensaio “Narrativa e Imagem: movimentos do desejo”, incluído no livro supra-citado, desenvolvi a questão da imagem, afirmando o enraizamento do verbal no não-verbal. Interessava-me mostrar a presença do “ícone” na escuta psicanalítica. Baseava-me em Peirce e na poesia concreta e afirmava que trabalhar com o icônico é trabalhar com a palavra tornada imagem de palavra. A escuta analítica seria a transformação da fala em imagem de palavra. O desejo seria verbo e o simbólico traria sempre em seu bojo o icônico.

Seis anos depois de meu mestrado e três anos depois de sua publicação,<sup>3</sup> dispus-me a ser aspirada pela linguagem imagética, realizando o

<sup>2</sup> CHNAIDERMAN, Miriam. *Ensaio de psicanálise e semiótica*. São Paulo : Escuta, 1989.

<sup>3</sup> CHNAIDERMAN, Miriam. *O hiato e o convexo: literatura e psicanálise*. Rio de Janeiro : Brasiliense, 1989.

documentário “Dizem que sou louco”. Antes, eu tivera já a experiência de construção de um roteiro para longa-metragem – esse roteiro “Bandido Blues” permanece inédito, não conseguiu patrocínio. Na construção de um roteiro, a experiência inédita de transformar em imagem os estados da alma, o aprendizado do mostrar no lugar do contar. Como mostrar que determinado personagem ficou triste a partir de alguma conversa, de que jeito mostrar sua ansiedade, sua busca, sua inquietude? Como dar coerência a uma narrativa, a um acontecer, até um desenlace que deve ser montado desde o início? É um quebra-cabeças que vai sendo montado, os fios vão se unindo – aliás, há técnicas para construção de roteiros onde o princípio é, de fato, o mesmo do quebra-cabeças: cada ação é escrita em uma fichinha, e as fichinhas são de cores diferentes para cada personagem.

Passar por essa experiência faz chegar ao núcleo do que é uma narrativa. Desde então, a dramaturgia tem-me interessado. E a linguagem do curta-metragem, exatamente por colocar à prova a narrativa, vem me instigando em minha pesquisa. No conto, e no curta-metragem, o tempo passa para o primeiro plano. Por essa razão, quem sabe, no conto e no curta-metragem, a questão de como contar o afeto passa para primeiro plano.

O fato é que ganhei o Prêmio, assinei o contrato, e tinha, então, que fazer o curta-metragem sobre os que são chamados “loucos de rua”. Chamei para trabalhar comigo a Cooperativa de Acompanhantes Terapêuticos “Estação”, que, naquele momento, organizava debates para pensar, junto com artistas plásticos, cineastas, escritores, a questão da loucura e da cidade. Sabíamos que enfrentaríamos uma situação invertida: como acompanhantes terapêuticos, faziam a ponte entre uma clausura e o mundo. Agora, iriam ao encontro de mundos sem clausura ou de clausuras outras para as quais não tínhamos registro ou código.

No artigo que escrevi com Regina Halck (op.cit.), indagávamo-nos: “Até então andávamos pelas ruas de nossos percursos habituais e não sabíamos de nada. Nesse ir e vir foi preciso demarcar um corte iniciático que nos fizesse passar a ver. Como é possível ver o invisível? Como apreender esse invisível sem prendê-lo, aprisioná-lo em nossos registros automatizados?”.

Nas primeiras reuniões que tivemos, falávamos do medo – como chegar perto dessas figuras? Vivemos em um mundo de violências, todos hoje têm medo de andar nas ruas. Nosso trabalho ia ser andar na rua. Como saber dos “loucos de rua”? Não estávamos mais preservados por nosso lugar de analistas em nossas poltronas de consultório. Nossa presença nas ruas não estava justificada por nenhuma chamada psiquiátrica. Apenas, tínhamos um filme para fazer e estávamos buscando pesquisar o que são, em uma megalópole como São Paulo, os “loucos de rua”. O que nos movia era o encantamento com o cinema, o ter nas mãos a realização de um documentário. Mas, em meio a esse encantamento, fomos sugados pela experiência do estar na rua. E por uma rua outra, uma rua sempre desconhecida. A rua das cidades invisíveis que são pisoteadas no nosso dia-a-dia sem que possamos nos dar conta dela. Passamos a trilhar caminhos nunca imaginados.

Nossos personagens, heroicamente, explicitam uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada. Nossos personagens que são vestidos de modos singulares e que falam, e falam, e falam. Poder dar fala a essas figuras silenciosas de nosso dia-a-dia. Nossa escuta se deu em meio a buzinas, burburinho, fuligem. Lutamos por uma escuta e pela possibilidade da fala. A transferência se instalava assim que mostrávamos que queríamos escutar. Sentíamos-nos responsáveis pelo que desencadeávamos em nossa escuta, e surgiram projetos de trabalho na rua. A batalha para que a escuta aconteça mesmo que seja na rua. Projetos que minguaram permanecendo sonhos de possibilidades de atuação onde o nomadismo fosse respeitado. Não houve escuta para nosso olhar.

Transcrevo aqui algumas das falas que depois foram editadas e que são parte de meu ensaio “Escrituras urbanas”:<sup>4</sup>

<sup>4</sup> In: PEREIRA, Maria R.C. *Leituras de psicanálise, estéticas da exclusão*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

*Dona Geralda*

*As casas do Jardim Primavera não tem mais. A cidade demoliu.*

*Lá era um bairro grande, o Jardim Primavera.*

*O Jardim Lebrão, a cidade. Mas acho que muito no finzinho*

*(...) no Jardim Lebrão, tinha a chácara do japonês, e ainda ficou muita casa lá; ficou...bonsucesso. Aí eles prantava tudo, tudo vindo prantava lá. E*

*esse foi o de Jundiá*

*também. Eu sei te dizer que foi um estrago, vou te contar.*

*Estrago em tudo. Chegaram estragando, eu fiquei escondida no mato, olhando.*

*(...)*

*Àquele tempo era sítio, esses lugar não tinha cidade.*

*Osasco...Tudo era sítio. Muito lugar hoje em dia é cidade, mas não era cidade. Não existia muita gente no mundo, nada... Depois que começaram a aumentar a gente, aí fez cidade. O tempo que eu conhecia a Terra não existia que cês tão vendo, não! Tudo era matagal, só tinha aquele sítio.*

*(...)*

*Tem matagal que não tem gente, né? De repente aparece aquela gentarada, aquela cidadona de repente, nos dois dias (...)*

Para Dona Geralda, o mundo ainda tem horizontes. Sentada na praça no final da Avenida Paulista, em meio aos arcos artificialmente coloridos, parece ouvir o barulho de um riacho. A frondosa árvore faz sombra. O clima é de interior, final de tarde. Dona Geralda ainda vive suas paisagens.

*S. Arlindo:*

*Realmente eu sou do Rio, não sou daqui não. Meu pessoal é todo de lá.*

*É por causa dessa contingência...porque lá a gente é conhecido, aí aparece um problema desse que não deixa você trabalhar...você procura outro lugar....*

*São problemas espirituais que acontecem...Eu fiquei numa compulsória e tive que obedecer, né?*

*(...)*

*Esse problema tem em mim há 33 anos.*

*No início eu resisti bem, na repartição(...)*

*Isso é uma conversa pouco social. é mais perdedor....*

*Existe a horizontal. Então nessa a gente explica, a gente justifica, a gente comprova, né. Mas existem as outras, verticais, que são as forças sugestivas. Então elas funcionam na nossa mente sem às vezes a gente nem estar percebendo. E quando é casos assim como é o meu, aí então a gente sabe que existe essas coisas...*

*(...)*

*Então justamente essas coisas que atuam na nossa mente, e ela rege as outras. Então a gente fica numa espécie de compulsória. E é conforme eu tô.*

*Miguel, “anjo da guarda”*

*Sobre a energia. (...) Eu tava no azul, naquele dia lá, eu tava no azul, e hoje, eu tou no cinza, O cinza para o azul tem uma grande diferença. Sobre a minha resistência, em primeiro lugar.*

*Com essa capacidade, eu vibro uma oração, não tem quem me destrua jamais! Sobre Deus, sobre o Divino Espírito Santo, sobre todos os anjos de guarda, meu comportamento e vibração, eu vibro uma oração, com este comportamento que eu estou, jamais haverá uma força que possa me destruir! Não tem. Só se Deus permitir ou Divino Espírito Santo. Mas a regência do meu anjo de guarda, ele me dá o poder com a prece de poder, aí eu multiplico, e vou multiplicando, e vou atravessando todos os tipos de sacrifício. Sobre as dores, passamentos, sobre qualquer tipo de passadas, sobre*

*inframações. (...) Força é uma coisa. Poder é outra. Mas eu faço a imagem de andamento, ligado aos cinco dedos das mãos. Cada dedo faz uma comunicação. Um mandamento do poder, outro da força.*

*Daqui prá lá vai ser um tipo de face. Eu vou simples. Agora de lá prá cá, eu vou vim, simplesmente também, agora eu fazer uma curva culta e vou voltar vibrando uma oração.*

*Quando eu voltar vibrando uma oração, você vai encontrar diferença. Preste atenção na minha face, no meu jeito de ser. Aí você vai ver diferença.*

*Mesmo pelos degraus você*

*vai ver diferença.*

*Notou eu diferente?*

*(...)*

*Eu vou ganhando do Divino Espírito Santo toda a maior proteção, e do anjo da guarda, junto comigo. Aí eu passo nos lugares que tiver muita força; nos lugares onde tiver primeiro, preparado, às vezes assim armado, às vezes redes de preparo. Aí eu vejo os avisos, não pode tocar aqui, não pode tocar ali; não, não pode parar aqui, não pode parar ali. Então às vezes eu fico, quando eu vou com a oração, e quando...eu vou sem a oração. Então eu fico diferente, completamente, fico simples, igual você viu. Aí eu vibro oração depressa. Então eu fico diferente.*

De fato, a rua povoou-se de personagens que ganharam nomes. E nós, ganhamos outros olhos. Passei a enxergar o que antes não me era possível sequer vislumbrar.

Veio o medo. Nunca me vira tão confrontada com a minha cômoda posição de psicanalista dentro do consultório.

Escutamos e escutamos – através do relato dos que trabalham na rua, fomos escutando estórias: o homem com chupeta que todo dia vai ao banco atrás do seu dinheirinho, o leitor que fica perto dos jardins, o pintor em frente ao Centro Cultural, a mulher que mora no cano do esgoto que vai dar no rio Pinheiros. Mapas marginais de caminhos não institucionalizados.

Descobrir que o olhar constrói inserções no simbólico: nosso olhar/escuta permitia o aparecimento de uma linguagem que já estava lá, silenciosa. Em uma roupa estranha, em um turbante que prende a cabeça, em uma roupa construída de jornal, é o olhar que permite a inserção no simbólico, em alguma linguagem. Sem esse olhar, algo da ordem do duplo se anteporia ao olho. O terror instalado. No olhar cria-se uma distância. No duplo, não – ele se instala dentro do olho sem intermediação. Fomos psicanalistas no dar voz a figuras silenciosas. E psicanalistas na busca do que, estando escondido, invisível, determina nossa experiência cotidiana.

O fazer cinema, a maquinaria do cinema, também permitiu esse olhar que se antepõe ao olho. Sair com todo o equipamento, para buscar os personagens, e na busca do encontro, forjar novos encontros.

Depois, na montagem, poder transmitir esse olhar, que foi forjado por uma cidade inatingível a não ser através do olhar. E, na montagem, de fato

dirigir um filme feito em condições muito precárias – onde, dado o baixíssimo orçamento, usei o material caseiro da pesquisa, quinescopei o vídeo de nossas saídas onde brincávamos de fazer reportagens para a televisão para amortecer nosso medo.

Fui para a ilha de edição sem a equipe com que havia saído pelas ruas. Tinha, então, a responsabilidade de transmitir a cidade louca que havíamos conhecido. A responsabilidade de mostrar, através da imagem, tudo que havíamos discutido e o que tínhamos vivido. Na montagem, fiz presente minha escuta de imagens. Na direção da montagem, experimentei-me psicanalista.

E lá se foi o filme, pelos festivais, pela luta anti-manicomial, pela possibilidade de pensamento.

Depois, em uma supervisão, a idéia de pesquisar como vivem aqueles que manuseiam o concreto da morte em seu dia-a-dia. Minha supervisionanda me trouxe um caso de um pedreiro de cemitério, e fiquei tocada sobre o que é a vida e a morte em alguém que tem o minuto a minuto da vida permeado pela morte. Esse pedreiro tentara suicídio em uma árvore do cemitério.

Vivemos um mundo sem espaço para elaboração da morte. É uma sociedade que circula em torno da promoção do narcisismo, uma sociedade onde a violência atinge inclusive a possibilidade de enterrar os mortos.

José de Sousa Martins, na “Introdução” ao livro “A morte e os mortos na sociedade brasileira”,<sup>5</sup> refere-se a um “silêncio civilizado” em relação à morte. Refere-se a uma atitude racional e prática que remove rapidamente da vida o peso dos mortos. Cita Weber, para quem uma sociedade para a qual a morte já não tem sentido é também uma sociedade que perdeu o sentido da vida.

É porque não temos mais clareza sobre o que é a vida que não sabemos mais da morte.

<sup>5</sup> MARTINS, José de Sousa (org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.

José de Sousa Martins lembra que o sindicalismo brasileiro nasceu das sociedades funerárias, do fim do sec. XIX e começo do XX. Eram as associações de mútuo socorro. As primeiras formas de organização dos trabalhadores urbanos no Brasil decorreram diretamente dos problemas sociais causados pela doença e pela morte na classe operária. A doença e a morte foram as primeira raízes da consciência operária no Brasil.

Não há como não lembrar que a especulação imobiliária tornou as terras cemiteriais inacessíveis aos sem-recursos, sujeitos, pois, à exumação em pouco tempo, aos ossários coletivos, à destruição da memória.

Radmila Zygoris, no ensaio “No instante seguinte”, publicado em português como parte do livro “Ah! As belas lições!”<sup>6</sup>, afirma:

*...hoje em dia, não sabemos mais muito bem o que fazer dos mortos. O que fazer dos cadáveres. (...) Sinistras as cerimônias religiosas, quando não possuímos nenhuma crença. (...) Sinistra a ausência de cerimônia. Enterros leigos, enterros furtivos. Nós nos livramos dos mortos. (...) Falta-nos festas funerárias capazes de se encarregar da vida deixada vaga, das libidos desorganizadas, das pulsões desconectadas pela perda, dos espíritos à procura de uma representação unificadora e portadora de sublimações aceitáveis. (...) Cada vez mais, em nossas inevitáveis declinações, se não reencontramos a festa que celebra o morto e a morte, que permite a uns chorar, a outros se repensar e se projetar a si próprio como morto, cada vez mais, por desespero, treparemos ao lados dos túmulos. Esta é a crise de uma civilização: quando as palavras começam a faltar, quando os gestos se tornam insignificantes para representar a morte aos sobreviventes. (...)*

*Somente as catástrofes suscitam, ainda, palavras e gestos... mas tornaram-se tão numerosas... que aí também um certo silêncio não tardará. (...) Ora, uma civilização pode enterrar seus mortos um a um: assim como se morre um a um. (...)*

*Túmulos, latas-de-lixo do humano.*

*Radmila Zygoris termina de forma contundente seu ensaio:*

*Que valor têm as teorias – produzidas num mundo, numa coletividade,*

*numa sociedade que não sabe mais o que fazer de seus mortos? Qual-quer pensamento proveniente de uma terra, não é por si só suspeito? Pensamentos provenientes de psiquismos que já se sabem cadáveres mal-enterrados.*

Mesmo as catástrofes são hoje transformadas em “vídeo-games”. Transmítidas em tempo real, as guerras tornam-se brinquedinhos do tipo “Guerra nas Estrelas”. Não existe morte nos vídeo-games. A violência começa na cotidianização da morte que nunca é mostrada. Não se enterram mais os mortos. Ou se enterram?

Vários filmes europeus hoje se indagam sobre o *Holocausto*, e de que formas foram enterradas as vítimas dos campos de concentração. O documentário *Shoah*, que dura onze horas, tem como tema a indústria da morte durante o nazismo. Na psicanálise questiona-se que efeitos ainda têm sobre nós, portadores dessa história terrível, a anulação do nome do morto na vala comum.

Também na História, na Sociologia, na Antropologia, na Medicina Social – apontam-nos vários dos ensaios contidos no livro organizado por José de Souza Martins – as atitudes diante da morte passaram a ser pesquisadas.

Foi o importante historiador Philippe Ariès quem identificou que a morte acabou por ser banida, ocultada, proibida das preocupações do homem ocidental de nosso século: ela chega a ser até algo obscuro, um verdadeiro tabu. Ora, ocultando a morte, é a própria vida que o homem atual atinge.

Só a certeza de que a câmera funciona como um anteparo ao olho/visão, levando à constituição do olhar, permitiu-me batalhar pelo documentário “Artesãos da morte”, que acabou de receber um prêmio para sua consecução. Nesse momento, preparo-me, junto com alguns membros de “Estação” acrescido de outros, para nossas saídas. Não mais pelas ruas, mas por lugares bem lúgubres, na busca de nossos personagens. A falta de espaço para a morte em nosso mundo ocidental, a cotidianização da morte na violência urbana, o real da morte, levaram-me a batalhar por esse projeto. Só a certeza da constituição de um olhar me faz pesquisar sobre o que é a morte e a vida. Tema do dia-a-dia em nossos consultórios. Ou seja, é como psicanalista que essa questão me interrogou.

<sup>6</sup> ZYGOURIS, Radmila. *Ah! As belas lições!* São Paulo : Escuta, 1996.

## A TRANSFERÊNCIA EM UMA EQUIPE DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR<sup>1</sup>

Luciane da Luz Loss

**E**nfocar a questão da interdisciplinariedade, a partir do conceito de transferência em psicanálise, e tomá-lo como paradigma para pensarmos a dinâmica de funcionamento de uma instituição, me parece bastante apropriado, visto que as relações de trabalho dentro de uma instituição passam por este viés, além de se configurar como um desafio para o psicanalista que encontra, hoje, nas instituições, um campo para o seu trabalho.

No trabalho em equipe, a transferência é uma prerrogativa para que a produção possa se fazer presente. A transferência que se estabelece entre membros de uma equipe é herdeira da relação primordial do sujeito com o Outro. Ou seja, é a relação de alteridade que temos com o diferente, de como eu, ele e nós nos relacionamos com o Outro.

Sabe-se, desde Freud<sup>2</sup>, que sem transferência não existe análise possível. Portanto, o movimento, o encontro, a transformação, a mudança e a transcendência que também se busca em um trabalho de equipe, assim como numa análise pessoal, ficam impossibilitados.

Porém, justamente, o mais difícil dentro de um grupo de trabalho é poder privilegiar as manifestações transferenciais, assim como lidar com os seus avatares. Pois a transferência não é algo que deva ser burocratizado pela instituição, sob o risco de se abortar o que se quer promover – normatizar, estabelecer regras, por exemplo, de quem deve trabalhar com quem. Estaríamos hipnotizando, alienando, matando a alteridade.

O que podemos fazer? Criar espaços para que este motor pulsional

possa circular, se fazer presente, se fazer questionar, interrogar, pois é esta a atitude analítica que se busca para a abertura do inconsciente, uma vez que a transferência é um processo inconsciente que se faz presente segundo leis e éticas subjetivas.

A análise pessoal, lugar privilegiado do desejo suspenso, propicia uma dissolução egóica, que é imprescindível à escuta analítica, pois permite que algo do inconsciente se manifeste e que possamos nos deparar e suportar a angústia do estrangeiro. Quanto mais arraigados estivermos nos nossos saberes, mais narcisicamente estaremos embarcando na fogueira das vaidades. Cristalizados, normatizados, conceitualizados, em cima de uma falsa verdade.

A interdisciplinariedade nascerá sob o signo da perturbação, ou seja, da resistência. Pois se ela pressupõe a transferência, e nela que, muitas vezes, o ciclo de associações é interrompido e as questões não emergem. Tenho que me defrontar e encontrar com o estrangeiro, com a outra disciplina, com a alteridade, com aquilo que é diferente de mim e que está em mim mesmo, recalçado, escondido.

A interdisciplinaridade, portanto, é um exercício da alteridade, pois sempre vamos nos deparar com outros enquadres, outras clínicas, outros discursos, outros campos de saber. E o que vai decidir efetivamente este trabalho é a abertura ao Outro. Outro este que nos constitui, que nos faz ser, personagens que nos fazem nascer, crescer e nos coloca em movimento

É preciso sonhar! Abrir as portas do inconsciente, buscar esta posição de abertura. Pois, como nos coloca Fedida, o paradigma da transferência é o sonho. Podemos, portanto, pensar que a interdisciplina é um sonho, sonho que poderá ser sonhado, produzido, ou não, por uma equipe que contemple em sua dinâmica a alteridade e a subjetividade.

Para este sonho ser sonhado, para se constituir como a realização de um desejo, necessita de um exercício. Exercício de lidar com a angústia, com o desconhecido, com o não saber.

Desta forma, não existe fórmula, molde em que possamos nos encaixar e, a partir daí, nos dizermos uma equipe interdisciplinar. A subjetividade é única e, portanto, o trabalho de uma equipe também será um.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Encontro Estadual de Clínicas-Escola em Psicologia: A Clínica na Saúde. UNISINOS, de 20 a 21 de agosto de 1999.

<sup>2</sup> FREUD, S. *A dinâmica da transferência* (1912). Rio de Janeiro : Imago, 1974.

## VOCÊ JÁ FOI À MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO? NÃO?! ENTÃO VÁ!

### REDESCOBERTAS DE SI MESMO TRILHANDO O IBIRAPUERA

Analice Palombini

Um fim-de-semana espichado em São Paulo, visitando amigos queridos, acabou sendo ocasião para um encontro com as origens, que todo brasileiro deveria ter a oportunidade de viver. Durante sete horas, estive mergulhada no Parque Ibirapuera, visitando a Mostra do Redescobrimento, da Fundação Bienal de São Paulo.<sup>1</sup> A Mostra faz jus ao nome: conhecê-la constitui-se numa experiência, no sentido forte do termo, em que nos redescobrimos brasileiros. Faltou tempo para percorrer todos os seus espaços – programa para uma próxima visita. Mas os que trilhei foram suficientes para produzir impressões fundas, perturbadoras. Interessa-me compartilhá-las com vocês, ainda que nenhuma palavra seja capaz de dar conta do acontecido. Melhor que ler o que segue é tomar o caminho de São Paulo e viver por si mesmo as redescobertas que, até sete de setembro, o Ibirapuera possibilita.

#### A OCA

O pavilhão Lucas Nogueira Garcez tem as formas arredondadas de uma oca. No seu subterrâneo, está a mostra arqueológica. Curiosa, ela nos põe em contato com informações longínquas, escavadas em sítios arqueológicos locais, compondo o rosto e hábitos de nossos antepassados mais remotos. E situa o ponto em que o humano se constitui enquanto tal: na capacidade de simbolizar, expressa em produções pictóricas destinadas a um Outro, semelhante ou deus. Entre mapas e informações, amuletos, ador-

<sup>1</sup> Acompanhou-me nessa visita Cristina Carvalho da Silva, com quem dividi as impressões e reflexões que seguem.

nos e pinturas ruprestes, encontramos com a reconstituição do rosto de Luzia, o mais antigo esqueleto humano em terras brasileiras, com quase doze mil anos de idade.

Poucos metros separam a pré-história da cultura indígena, distribuída em três pisos do mesmo prédio. Uma paisagem quase onírica nos introduz num mundo de máscaras e outros objetos ritualísticos: são campos de perfiladas penas brancas, tapetes geométricos coloridos de sementes e, no andar superior, um céu de nuvens claras e esparsas. As máscaras, de formas e materiais diversos, em tons crus de palha ou nas cores vivas de muitas plumagens, estão expostas, algumas, como em vitrines; outras, protegidas por vidros foscos, preservam o esoterismo de suas funções rituais, não se dando a ver de todo. Feitas para cobrir o corpo ou apenas o rosto, elas reproduzem feições animais ou antropomorfas, num mimetismo de formas e atributos. Além da beleza, são admiráveis pela engenhosidade que as constitui, trama árdua e paciente, carregada de sentidos que transcendem a materialidade da obra.

Nos pisos superiores, distribuem-se os adornos, vestimentas, utensílios domésticos, de caça, de luta. Uns, como as máscaras, protegidos atrás de vidros. São, certamente, os mais valiosos, e é desconfortável verificá-lhes a procedência: Museu Nacional de Etnologia, em Dresden, Alemanha; Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague; Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, Portugal. O sentido da expropriação reatualiza-se ali. Em contrapartida, há inúmeros objetos perfilados sobre uma bancada baixa, em série, quase como mercadoria, que diz de uma incorporação peculiar ao mundo dos brancos.

Por fim, próximo à saída da oca, um conjunto de desenhos e pinturas feitos por índios retratam motivos telúricos em traços primitivos, direcionados ao mercado de arte. Dividem o espaço com a tela de um vídeo, que naquele momento transmite ritos e danças tribais. O vídeo encerra com o agradecimento do jovem índio, diretor do filme, ao conselho de anciões de sua tribo, por terem – em que pese as tradições – permitido a filmagem, entendendo a importância de fixar e difundir aquelas imagens. Questão de sobrevivência.

## O BARROCO

No piso inferior do pavilhão Ciccillo Matarazzo, inicia-se a mostra do barroco. A sensação é de estar penetrando uma floresta. Entre troncos que alcançam o teto e ao som de pássaros e outros animais silvestres, as imagens rústicas de santos, talhadas por mãos missionárias de índios, já não guardam vestígio da arte indígena que acabáramos de percorrer. Na voz de Maria Bethânia, declama-se o elogio da ordem religiosa ao talento natural dos silvícolas, a serviço de um deus único. Trilhando o chão da floresta, capturados por impressões dos sentidos, vamos sendo levados a um outro cenário. A rusticidade dos troncos dá lugar a campos de flores inventadas, roxas e amarelas. No teto, luzes estelares de um céu infinito. As imagens sacras, distribuídas entre as flores, são tantas, tão ricas e primorosas, que fazem emudecer. São santos brancos, negros, mestiços, envolvidos em ricos mantos ondulados ou sob roupagem austera, de gestos amplos ou contidos. É possível deter-se, horas a fio, diante de cada um deles. Mas é o seu conjunto, a exuberância do cenário que os reúne, a música que se escuta como pano de fundo, ladainhas em sobreposição a cânticos, o que, pouco a pouco ou de súbito, carrega-nos para a zona recôndita e insabida de cada um, banhada na fonte de uma religiosidade latente, cujos traços nem sempre se fazem reconhecer. Depois de escutar Gregório de Mattos e o sermão de Padre Vieira sobre o pregar que é semear, feito de palavras e obras, entramos num espaço onde sons, imagens, personagens misturam-se. Somos também personagens, em meio a uma procissão que atravessa tempos e templos, finalizando em carnaval e candomblé.

## IMAGENS DO INCONSCIENTE

Deixamos o barroco, com destino ao modernismo. Porém, plenos ainda de imagens, perturbados por essa afetação do sagrado sobre nossos pensamentos, não alcançamos os modernos. Arthur Bispo do Rosário parece mais próximo do estado emotivo de nossa alma. Sua obra, coleção de objetos, bordado de palavras, também fala a um deus.

Mas, afinal, que deus é esse de que comungamos nós, brasileiros de todos os quadrantes? De onde a força arrebatadora de seus símbolos, atingindo zonas impensadas de nosso ser? A julgar pelo percorrido que a mos-

tra barroca nos permite fazer, se um deus pai católico é ponto de partida da obra, ele sucumbe à reinvenção plural e viva do sincretismo, que busca, no caráter híbrido e miscigenado de nossa história, um lugar de fundação<sup>2</sup>. É nessa mistura criadora em que nos perdemos que podemos nos reconhecer. São os seus traços na obra o que toca, de forma tão sensível e perturbadora, nosso inconsciente.

Esse ponto de perturbação retroage sobre as impressões que a mostra indígena produzira. A passagem pelo barroco a resignifica, intensifica-lhe o estranhamento, a experiência do fora-de-lugar. Enquanto o cenário armado pelo barroco nos captura, envolve, engole, o indígena – belo também, sem dúvida –, contempla-se à distância. A obra, protegida sob a superfície fria de imaculados vidros, resta inacessível. Manto tupinambá e tantos outros, expostos como relíquia morta. Com efeito, a mostra indígena, contínua à arqueológica, fala de uma nação dizimada. O estranhamento remete ao sinistro dessa relação a uma ancestralidade da qual somos também os algozes. A magnitude do recalque que essa relação opera impede que nos reconheçamos no que nossa origem primeira produz. Seria preciso estilizar os vidros, criar pontes entre essa origem suprimida e aquela cujas insígnias carregamos. Seremos capazes disso? É pela tela exígua do vídeo que um índio nos dá a ver os sentidos a extrair de tantos objetos que se expõem a nós esvaziados de seu contexto<sup>3</sup>. É difícil o encontro, mas necessário buscá-lo. Como não hesitaram em fazer os três mil índios reunidos na Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, na passagem dos 500 anos do descobrimento. Nossos governantes, então, apenas souberam repetir os atos de violência perpetrados desde a chegada dos europeus ao continente. Seguimos sofrendo os efeitos do que se passou num 22 de abril, na região de Porto Seguro, no sul da Bahia: redescobrir-se brasileiro impõe reconhecer em si mesmo a marca do sinistro que a violência instaura.

<sup>2</sup> Ver as referências sobre o esforço de fundação de uma origem mestiça através da experiência barroca brasileira, no artigo de Edson de Sousa, "Memória Barroca", no livro por ele organizado, *Psicanálise e Colonização: leituras do sintoma social no Brasil*, Artes e Ofícios, 1999.

<sup>3</sup> Assim como esvazia-se o sentido que funda a palavra Ibirapuera, dando nome ao Parque que abriga a Mostra.

## O TRAVÉS DA PSICANÁLISE (OUTRA VEZ DA PSICANÁLISE)

Alfredo Jerusalinsky

Quando, vinte e cinco anos atrás, cunhamos o conceito de “clínica atravessada pela psicanálise”, o fizemos para diferenciar os efeitos provocados pela práxis psicanalítica no interior de diversos discursos clínicos, daqueles que seriam a mera conseqüência da aplicação externa dela.

No desdobramento de uma prática clínica com crianças portadoras de graves problemas, que afetavam seu desenvolvimento e colocavam em risco sua constituição como sujeitos, fomos confrontados com as múltiplas manifestações patológicas que usualmente se apresentam nesses casos. Até então, era prática habitual lidar com essas diversas manifestações multiplicando os atendimentos terapêuticos em tantas partes quantos signos patológicos os demandassem e, por sinal, respondendo à fragmentação proposta pelas especialidades clínicas criadas ao longo do século passado. Se, aplicadas aos adultos, essas especialidades demonstravam claramente seus benefícios (a recuperação da fala nas afasias adquiridas, a recomposição de funções motrizes afetadas por acidentes, a re-estruturação de habilidades ocupacionais, a recuperação de memórias perdidas em amnésias produto de traumatismos, etc.), aplicadas às crianças elas revelavam efeitos esquizofrenizantes (fragmentadores das representações corporais ou perceptivas) ou bem causavam recuperação aparente das funções perdidas, provocando uma mecanização delas e uma perda de sua significação.

### O MODELO DAS AFASIAS TRAUMÁTICAS

Rapidamente ficou claro para nós que os traços inseridos com finalidade terapêutica provocavam conseqüências diferentes, de acordo com a peculiar situação do sujeito psíquico que os recebia. O modelo terapêutico das afasias traumáticas oferecia já uma clara verificação disto: os instáveis estados “emocionais”, tão característicos dos adultos doentes de afasias, facilitavam ou dificultavam a re-inscrição da significação das palavras e dos

sistemas gramaticais. Fácil era, então, supor que, nas crianças, o achado desses resultados duvidosos ou negativos, em contraste com os resultados registrados entre os adultos, ao aplicar as técnicas “reabilitadoras” em geral, devia responder a razões parecidas. Ou seja, devíamos prestar atenção às circunstâncias do sujeito psíquico diante das características das intervenções clínicas.

A primeira hipótese evidente era que, quando o terapeuta físico ou de linguagem atuava com um adulto, encontrava-se diante de um sujeito autônomo já constituído, que *per se* compreendia e situava o ato clínico como endereçado a reparar o dano registrado. Mas, quando se dirigia à uma pequena criança, a precariedade subjetiva desta a impedia de entender a finalidade da intervenção desse outro, estranho às suas referências imaginárias habituais. Se, por um lado, o terapeuta específico se apresentava como um intruso no campo das imagens; por outro, era evidente que ele vinha se intrometer com um discurso técnico, quebrando o delicado e frágil código da relação entre a mãe e seu pequeno filho. Não era, então, surpreendente que tais intervenções, multiplicadas pela quantidade de especialistas, chamados a fazer frente a outras tantas afecções apresentadas pela criança, acabassem provocando perturbações psíquicas importantes. Mas, também do ponto de vista dos efeitos clínicos, referidos às funções afetadas, os resultados eram problemáticos. Por exemplo, na construção de uma praxia, cuja aquisição tinha sido bloqueada por uma hemiparesia, a insistência e repetição sobre o padrão neuromuscular necessário, finalmente provocava uma “distração” da criança do objetivo simbólico da mira de seu deslocamento, retraindo a representação de seu movimento sobre um esquema puramente corporal. Em termos psicanalíticos: esmagando a corda pulsional sobre o próprio corpo sem passar pela instância do Outro (ou seja, sem passar pela dimensão da linguagem). O mesmo ocorria, e com conseqüências notadamente devastadoras para os processos de constituição do sujeito, com os procedimentos de estimulação ou inibição reflexa das sinergias e praxias oro-faciais ligadas à emissão da linguagem fonada. Ou, também, com a inserção mecânica de condicionamentos de conjuntos fonemáticos ligados a significações fixas. Dito de outro modo, os recursos mecânicos utilizados com os adultos que padeciam de anátrias ou dispraxias oro-faciais

adquiridas, ou de perdas de linguagem posteriores à aquisição e uso da língua, se encontravam com um sujeito em geral bem orientado a recuperar a expressão (ou a associação) de uma significação reconhecível (tanto na sua forma quanto no seu conteúdo) no momento de ser re-encontrada. Pelo contrário, as pequenas crianças não podiam senão receber como mera injunção, como uma exigência estranha, a proposta de um exercício que não aparecia para ela mais que como uma Demanda do Outro vazia de significação. E, certamente, para ela mesma, nada lhe permitia a diferenciação entre o sucesso ou o fracasso de sua atividade, a não ser a satisfação do outro. Rarefeita construção entre um discurso técnico e uma experiência primária de satisfação. Certamente essas crianças ou bem tinham nascido num planeta fonoaudiológico, ou bem num planeta psicológico, ou bem num satélite fisiátrico. Colocando em relevo seja sua voz ou sua língua, sua conduta ou percepção, seu músculo ou seu movimento, o que fica sublinhado no olhar do Outro não chega muito além de um pequeno recorte do corpo (um pequeno objeto a) se outra circunscrição do que o discurso técnico que sustenta esse recorte. Nada que leve uma inibição reflexa de Bobath<sup>2</sup>, além da satisfatória sensação de deter a contratura muscular espástica. Ou nada além da inervação provocada pela torção sinérgico-antagônica no método Vojta<sup>3</sup>. Nada além das cócegas no fundo do palato provocadas pelo vibrador oral, ou os toques relaxantes que facilitam o trabalho de “ponto e modo” pela sensibilização diferenciada dos lugares tocados.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> O casal de técnicos que criou um eficaz sistema de inibição de reflexos e movimentos parasitas, de relaxação e inervação diferenciada em casos de paralisias cerebrais ou quadros miopáticos ou hipotônicos.

<sup>3</sup> Método de reabilitação fisioterapêutica que consiste em provocar dor por meio de movimentos antagônicos ao desejado, de modo que o paciente procure realizar o movimento procurado para se defender da torção dolorosa. É um modo de condicionamento por estímulo aversivo. Uma espécie de “laranja mecânica funcionalista”.

<sup>4</sup> Nos referimos aos modos mais clássicos da “reeducação” foniátrica, procedimentos ainda comuns na Ortofonía, ou na Logopedia européias, que trabalham por meio de assinalar por toques e estímulos diferenciados os pontos de articulação de cada fonema, no interior mesmo da boca.

### O ESMAGAMENTO DA PULSÃO SOBRE O CORPO

Quando dissemos “nada”, estamos nos referindo a ausência de qualquer proposta de percurso simbólico do registro pulsional assim ativado.

Vai se tornando claro para o leitor que um conjunto de proposições “terapêuticas”, assim formuladas, adquirem o valor de inscrições primordiais que fantasmizam a criança como sujeitada, precisamente, à parte de seu corpo que não funciona, ou que funciona mal, sendo essa parte significada por um discurso técnico totalmente “estrangeiro” (delirante, então) à respeito da língua materna. Ela é, então, prematura e precipitadamente introduzida na “alíngua” falada por um Outro anônimo, destacando fragmentos de um discurso sem outro valor simbólico a não ser o de signo de cura no “tratatus medicus”. É algo assim como ler a Bíblia para um bebê para que aprenda os princípios éticos, ou ler para ele Heródoto para que saiba como deve escrever-se a História.

O atravessamento psicanalítico dessas disciplinas – necessárias enquanto produtoras de efeitos físicos e funcionais bloqueados por lesões reais – permite que a interrogação sobre o sujeito que está ali em jogo, transforme a operação clínica mesma. Com efeito, situando o discurso técnico diante das conseqüências de seu ato, devolve para o terapeuta a responsabilidade ética sobre o desejo que está em jogo, retirando-lhe o alibi de esperar que a técnica faça tudo por si mesma. Não se trata de simplesmente “cumprir um dever” marcado por um conhecimento pragmaticamente ordenado, mas de ler, passo a passo, o lugar em que o pequeno sujeito se situa diante dessa operação clínica, permitindo e oferecendo-lhe a chance de enlaçar seu corpo, tomado na terapêutica, ao código da língua materna e a uma simbolização, onde a ficção continue a lhe emprestar o espaço de ilusão necessário para ligar-se a algum ideal fálico. Dito de outro modo, “brincar de verdade” é retirar ao terapeuta seu gozo e substituí-lo pelo prazer da criança. Para isso o discurso psicanalítico precisa realizar a operação paradoxal de deixar em pé as operações clínicas específicas, provocar nelas a torção necessária para que nelas caiba um sujeito desejante.

É isso que denominamos “atravessamento psicanalítico das práticas clínicas específicas” ou “uma clínica de crianças atravessada pela psicanálise”.

## MULTI, INTER, TRANSDISCIPLINA

Nesse percurso, onde a multidisciplinidade se torna interdisciplinidade – pela penetração recíproca dos discursos clínicos que configuram o ato – acabam produzindo-se conceitos de valor transdisciplinar, ou seja, que reordenam o conjunto das significações de cada discurso técnico à luz de uma significação partilhada pelo seu valor operatório para o conjunto.

Assim, por exemplo, os termos *Desenvolvimento, Transferência, Sujeito, Neuroplasticidade, Outro, Discurso, Signo, Significante, Objeto da Pulsão, Organização práxica da pulsão, etc.*, adquiriram, através do trabalho clínico conjunto em equipes interdisciplinares ocupadas com problemas graves da infância, valor transdisciplinar. Isso porque cada um deles, atravessando a fronteira de ignorância que delimita o saber de cada inflexão discursiva, revela aquilo que em qualquer técnica fica sem resposta: o quê, do sujeito e do Outro, está em jogo no que se fala.<sup>5</sup> A aparente evidência de que uma fala se explica por si mesma se revela como ledão engano à luz dos

resultados que qualquer técnica pura produz como efeito clínico no trabalho com pequenas crianças. A defesa narcisista, que cada especialidade tende a fazer de sua prática, e sua pretensão de autonomia à respeito da linguagem (como estrutura do inconsciente que forma o sujeito) é contrária ao trabalho interdisciplinar e transforma essa proposta numa mera declaração vazia, já que tende a firmar cada prática como um saber total dotado de certeza independente.

Esse é o tecido, ou melhor, a armadilha esquizofrenizante a qual tende uma criança com problemas de desenvolvimento, quando a ela se propõe uma terapêutica múltipla baseada em esquemas positivistas. Ocorre, simplesmente que nós, os humanos, não somos “monocelulares”, mas uma rede de significações que sustenta nosso ser na relação com o outro.

<sup>5</sup> Como parte das conseqüências do atravessamento psicanalítico da prática clínica têm-se produzido nos últimos cinquenta anos alguns efeitos interessantes. Entre eles podemos registrar as transformações de pedagogia em ‘psicopedagogia clínica’, das técnicas fisioterapêuticas puras em ‘psicomotricidade’, da fonoaudiologia clássica em ‘terapêutica da linguagem e/ou psicolinguística’. E o surgimento da Estimulação Precoce não como uma mera estimulação monossensorial, polisensorial ou motriz, etc. mas como uma intervenção nos meses primordiais, apontando para uma articulação da filiação, das identificações, o espaço transicional, o brincar, para propiciar que o “armado neurobiológico” extrauterino do cérebro passe a responder o mais possível aos princípios de funcionamento da matriz simbólica da linguagem que caracteriza o humano. Dito de outro modo, hoje, podemos “escrever” materialmente nas nossas pequenas crianças a matriz de “Projeto de uma psicologia para neurólogos” de Sigmund Freud, sem temor de equivocá-las. E fazê-lo, simplesmente, a partir da colocação em ato da linguagem. Não é outra coisa o que os conceitos neuromoleculares de “Neuroplasticidade cerebral” e “Migração Neuronal” tem verificado: as teses freudianas de que o sistema psíquico se configura materialmente nos primeiros anos de vida, hoje conta com sua verificação neuroquímica. E, qualquer tentativa de utilizar essas recentes descobertas contra a psicanálise implica desconhecer ativamente o que essas mesmas descobertas comprovam: a configuração cerebral precoce se molda pelas significações que nele se inscrevem. A palavra está de novo ali em todo seu vigor, fazendo sua obra: a do destino contingente de cada um.

RAZÕES CULTURAIS<sup>1</sup>

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro : J. Zahar, 1999. 163 p.

A mais recente publicação de Elisabeth Roudinesco – historiadora e psicanalista francesa – homenageia um século de psicanálise, abordando a pertinência de sua manutenção na atualidade. O livro causou agitação na imprensa francesa, que destacou a coragem da polêmica levantada: nada menos que o questionamento, por parte da autora, da tentativa de domínio absoluto das neurociências na explicação do psiquismo humano. Tanto a expressão “inconsciente” (contextualizada por Freud), quanto a expressão “sujeito” (inserida na psicanálise a partir de Lacan) perderiam seu valor conceitual, se cedessem ao patrulhamento dos neurolépticos e antidepressivos. Os comportamentos e afetos se tornariam, então, resultantes exclusivos de uma química cerebral.

Roudinesco não se coloca na posição ingênua de uma cruzada contra a medicação, o que seria substituir um domínio por outro. Ou seja, ela não propõe a psicanálise como a única solução de cura. Quanto a isso, reconhece a importância da influência mútua e trabalho conjunto da psicanálise e psiquiatria (parceria, esta, que já faz história). Sua crítica dirige-se a uma posição que definiremos como ideológica. É em relação a esse ponto específico que o livro despertou-nos algumas reflexões que abordaremos a seguir.

Nessa questão é possível situar uma contradição que raramente percebemos: com o desenvolvimento das neurociências assumindo uma posição de ponta no discurso científico é onde, paradoxalmente, esse discurso



<sup>1</sup> Texto publicado no Caderno de Cultura do Jornal *Zero Hora*, em 01/04/00.

mais se mostra obscurantista. O paradoxo está em que essa espécie de razão científica pretende excluir a subjetividade tanto do objeto estudado, quanto da ciência. Sempre que a razão encontra seu instrumento perfeito de manipulação, retornam as trevas. É esse, diga-se de passagem, o princípio dos totalitarismos: excluir o que se interpreta como “falha”. No caso, as “falhas” com que todos precisamos conviver dizem respeito, por exemplo, à nossa sexualidade e à morte, dejetos que preferiríamos não sermos portadores.

E onde estaria o obscurantismo? Nas pequenas coisas que até mesmo o senso comum reconhece. Será possível acreditar que a sugestão, principal meio de produção de “consciências” hoje (veja-se o papel capital da propaganda), está inteiramente excluída da interação medicamento/organismo? Qualquer médico sabe que grande parte da reação do organismo ao medicamento precisa estar sustentada numa relação de confiança. Ou seja, que muitas vezes (e isso é bastante corriqueiro) se não se tem confiança no médico, o medicamento prescrito não funciona. Isso não quer dizer que o efeito resulte somente da sugestão, afirmação bastante ingênua, mas sim quer dizer que há uma espécie de “bloqueio” fisiológico se a terapêutica não está incluída numa relação de confiança. Assim, a droga não funciona *per se*, como se estivesse contida numa experiência laboratorial, ela é inserida num circuito onde o inconsciente produz efeitos não controláveis.

Outra questão de importância diz respeito à dominação mundial constante das relações econômicas. Como desvincular completamente os resultados de pesquisa, das exigências de mercado (como qualquer outro produto)? Nesse sentido, o controle dos laboratórios mundiais será sempre esse *x* – variável onipresente, não controlada na pesquisa porque não reconhecida enquanto tal.

Por essas e outras razões é uma posição obscurantista a pretensão de fazer crer na “objetividade” de comportamentos regidos exclusivamente por uma “química cerebral”. Somente num sistema de crenças religiosas, na ilusão de uma promessa de perfeição e de salvação das limitações e misérias de nossa mundanidade, seria possível a manutenção de uma tal posição.

É importante também pensar-se que, como qualquer outro sistema de crenças ou ordenações sociais, toda organização depende de nosso consentimento. Ou seja, não é muito interessante a saída simplista de chapar imagens de algozes e vítimas, quando tudo o que mais prezamos é tomar conta em qualquer promessa de salvação.

Na verdade a própria psicanálise não está imune ao sistema a que pertence. Ela não é outra coisa que produto da ciência que não a reconhece: surge para dar vazão a uma subjetividade recusada. Nesse ponto, não concordamos totalmente com a preocupação de Roudinesco em relação aos sucessivos ataques que a psicanálise tem sido objeto. Mesmo que não sejam aceitáveis, sempre estiveram, em maior ou menor grau, em toda sua trajetória. Parece-nos que se alguma ameaça houvesse, ela seria interna, diria respeito aos próprios psicanalistas. Aí se colocaria a indagação de até que ponto estariam dispostos a recusar a sedução de um sistema de promessas. Assim, à pergunta que dá título ao livro – “Por que a psicanálise?” – a única resposta plausível de um psicanalista, que não a inseriria numa ordem de crenças, seria de que, assim como a nossa ciência, ela só está aí por razões histórico-culturais.

Ana Maria Medeiros da Costa

## A PASSAGEM ADOLESCENTE

RASSIAL, Jean-Jacques. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Coleção Letras Psicanalíticas. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1997. 198 p.

**E**ste não é o primeiro livro do autor sobre adolescência. Ele vem somar-se ao que havia sido escrito em 1990, como resultado de sua tese universitária, chamado “O adolescente e o psicanalista” e que também foi publicado recentemente no Brasil. Se aparentemente o autor imprimiu ao primeiro um caráter mais metódico, como o exige a universidade, pode-se dizer que neste segundo ele se ocupa mais em formular ou ampliar questões sobre a adolescência do que em respondê-las.

Trata-se, neste livro, da reunião de diversos artigos que marcam o percurso do autor ao longo de suas pesquisas. Alguns deles já foram publicados em outras revistas – como é o caso do primeiro capítulo, “Hipóteses sobre a adolescência”, publicado na Revista da APPOA dedicada a este tema –, outros não. Conforme o próprio autor refere na “Introdução”, não se trata de um livro definitivo sobre a adolescência. Ele se propõe, sobretudo, a trazer elementos precisos que vêm colaborar para a discussão deste tema no campo da psicanálise. É preciso, no entanto, dizer que, neste livro, o autor avança de maneira decisiva nesta discussão.

Temos em *A passagem adolescente: da família ao laço social*, portanto, um dos resultados das pesquisas que o autor vem realizando sobre a adolescência nas últimas duas décadas. Pode-se dizer, também, que outro destes resultados é o fato do tema da adolescência ter ganhado terreno no campo das discussões teóricas em psicanálise. De fato, a produção teórica de J.-J. Rassial sobre a adolescência tem se tornado uma referência, neste campo, ao seu nível internacional. Neste sentido, a tradução desta obra para



a língua portuguesa vem colaborar para a reunião de vários interesses relativos ao trabalho com a adolescência.

Considerando-se as proposições de J.-J. Rassial, somos levados a pensar que, por um lado, o interesse de uma discussão sobre o tema da adolescência é de ordem social. Todos passamos, inevitavelmente, por este momento de intenso trabalho subjetivo que é a adolescência e somos convocados a reagir, cada um à sua maneira e socialmente, às questões que uma tal passagem nos coloca. Por outro lado, a discussão acerca deste momento interessa em especial aos psicanalistas. Sobretudo à medida que o estudo da adolescência, enquanto trabalho subjetivo, permite-lhes avançar na precisão de concepções teóricas fundamentais em psicanálise. Enfim, seria também necessário destacar o interesse político implicado nesta discussão, ou seja, o de que a resposta encontrada pelos integrantes de uma certa coletividade, aos questionamentos provocados pelos seus adolescentes, não deixa de corresponder a uma tomada de posição quanto à sua organização social. De fato, é próprio da passagem adolescente o questionamento de toda proposta de organização, não somente corporal, mas também dos laços sociais e da cultura em geral.

A proposta do autor é de abordar a adolescência como passagem. Trata-se da passagem que pode ser situada a partir em cada uma das mudanças, de posição, que são exigidas do candidato ao exercício do desejo, num certo momento de sua constituição subjetiva. Esta passagem situa-se, pois, no trabalho subjetivo daquele que deixa uma posição infantil para passar a fazer parte do chamado mundo dos adultos; que não pode mais sustentar-se em alguma parte do desejo dos pais, mas passa a afirmar-se numa posição desejante; que vê, assim, suas referências deslocarem-se da esfera privada para a ordem pública – ou do familiar para o social, como nos diz Rassial.

Talvez, o forte de uma tal abordagem da adolescência encontre seus fundamentos na certeza de que não se trata de alguma etapa de desenvolvimento, situável cronologicamente. Seguindo-se a proposição de Rassial, de fato, a passagem em questão na adolescência se constitui num momento lógico, necessário na idade que for, de efetuação de uma operação subjetiva.

Por um lado, a operação própria ao adolescente exige uma reconstrução da imagem do corpo. Esta exigência se deve, em geral, a uma modificação – como a que caricatura a puberdade –, cuja essência está na mudança de valor ou de estatuto do corpo. O olhar e a voz que contam para tal reconstrução não são mais o dos pais, mas os de um semelhante do outro sexo.

Por outro lado, esta operação implica uma validação da ancoragem identificatória do então sujeito. Este sujeito será aquele que passa, então, para além da metáfora paterna, a contar com a eficácia de certos significantes, recolhidos da sua cultura, que se tornarão para ele os Nomes-do-pai. Espera-se, portanto, que desta operação resulte a constituição de um sintoma.

Enfim, percebemos também que toda passagem, como a da adolescência, implica alguma transposição. Uma transposição, por sua vez, não tem lugar sem que se passe ou atravesse alguma espécie de borda; mesmo que, para isto, esta última tenha que ser constituída pelo próprio sujeito. Podemos pensar que, pelo menos em parte, esta implicação tenha levado o autor a escrever, depois deste, um próximo livro. Este último, publicado em novembro passado na França, se chamará, quando for traduzido para a língua portuguesa, “O sujeito em estado limite”.

Luís Fernando Lofrano de Oliveira

## AGENDA

### AGOSTO – 2000

Dia	Hora	Local	Atividade
03	20h30min	Sede da APPOA	Relações inter-institucionais "Universidade e Psicanálise"
01	20h30min	Sede da APPOA	Exercícios Clínicos
01,14,21 e 28	20h30min	Sede da APPOA	Seminário "A técnica psicanalítica" - Respon- sável: José Luiz Caon
02,09,16 23 e 30	20h30min	Sede da APPOA	Seminário "O método psicanalítico"- Respon- sável: José Luiz Caon
05	10h	Novo Hamburgo	Seminário "Apsicosomática: interdisciplina e transdisciplina" - Responsável Jaime Betts
07	14h	Sede da APPOA	Conferência: Jean-Jacques Rassial "O sujeito em estado limite"
09	20h30min	Sede da APPOA	Reunião do Serviço de Atendimento Clínico
10	21h	Sede da APPOA	Reunião da Mesa Diretiva
10 e 24	20h	Sede da APPOA	Reunião da Comissão de Biblioteca
14 e 28	20h30min	Sede da APPOA	Reunião da Comissão do Correio da APPOA
17	20h30min	Sede da APPOA	Cartel Preparatório ao Congresso - Colóquio: Seminário "De um Outro ao outro" Responsável: Ligia Víctora
18	18h30min	Sede da APPOA	Seminário "A topologia fundamental de Jacques Lacan" - Responsável: Ligia Víctora
14 e 21	21h	Sede da APPOA	Seminário "O trabalho das passagens..." - Responsáveis: Ana Maria da Costa, Edson de Sousa e Lucia Serrano Pereira
21	20h30min	Sede da APPOA	Reunião da Comissão da Home Page
24	21h	Sede da APPOA	Reunião da Mesa Diretiva aberta aos mem- bros da APPOA - Pauta: <i>Colóquio</i>
31	20h30min	Sede da APPOA	Cartel Preparatório ao Congresso

## PRÓXIMO NÚMERO

*PSICANÁLISE SEM DIVÃ*

Capa: Manuscrito de Freud (*The Diary of Sigmund Freud 1929-1939. A chronicle of events  
in the last decade.* London, Hogarth, 1992.)

Criação da capa: Flávio Wild - *Macchina*

### ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

GESTÃO 1999/2000

Presidência - Alfredo Néstor Jerusalinsky

1ª. Vice-Presidência - Lucia Serrano Pereira

2ª. Vice-Presidência - Maria Ângela Brasil

1º. Tesoureiro - Carlos Henrique Kessler

2ª. Tesoureira - Simone Moschen Rickes

1º. Secretário - Jaime Alberto Betts

2ª. Secretária - Marta Pedó

MESA DIRETIVA

Ana Maria Gageiro, Ana Maria Medeiros da Costa, Ana Marta Goelzer Meira,  
Cristian Giles, Edson Luiz André de Sousa, Gladys Wechsler Carnos,  
Ieda Prates da Silva, Ligia Gomes Víctora, Liz Nunes Ramos,  
Maria Auxiliadora Pastor Sudbrack, Mario Fleig, Robson de Freitas Pereira,  
e Valéria Machado Rilho.

### EXPEDIENTE

Órgão informativo da APPOA - **Associação Psicanalítica de Porto Alegre**

Rua Faria Santos, 258 CEP 90670-150 Porto Alegre - RS

Tel: (51) 333 2140 - Fax: (51) 333 7922

e-mail: appoa@appoa.com.br - home-page: www.appoa.com.br

Jornalista responsável: Jussara Porto - Reg. nº 3956

Impressão: Metrópole Indústria Gráfica Ltda.

Av. Eng. Ludolfo Boehl, 729 CEP 91720-150 Porto Alegre - RS - Tel: (051) 318 6355

Comissão do Correio

Coordenação: Maria Ângela Brasil e Robson de Freitas Pereira

Integrantes: Ana Laura Giongo Vaccaro, Francisco Settineri, Gerson Smiech Pinho,

Henriete Karam, Liz Nunes Ramos, Luis Roberto Benia, Luzimar Stricher,

Marcia Helena Ribeiro e Maria Lúcia Müller Stein

# S U M Á R I O

EDITORIAL	1
NOTÍCIAS	3
SEÇÃO TEMÁTICA	18
<b>TRANSITANDO PELA CLÍNICA DO AT</b>	
<b>Simone Goulart Kasper</b>	<b>19</b>
<b>A FAMÍLIA EM SITUAÇÃO DE RUA ALGUNS ASPÉCTOS DE SUA DINÂMICA</b>	
<b>Jorge Broide</b>	<b>27</b>
<b>LOOSING MY RELIGION: DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL</b>	
<b>Marcelo Cavalheiro</b>	<b>35</b>
<b>IMAGENS FLUTUANTES TAPETES VOADORES DE UMA PSICANÁLISE ERRANTE</b>	
<b>Miriam Chnaiderman</b>	<b>43</b>
SEÇÃO DEBATES	54
<b>A TRANSFERÊNCIA EM UMA EQUIPE DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR</b>	
<b>Luciane da Luz Loss</b>	<b>54</b>
<b>VOCÊ JÁ FOI À MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO? NÃO?! ENTÃO VÁ!</b>	
<b>Analice Palombini</b>	<b>56</b>
<b>O TRAVÉS DA PSICANÁLISE (OUTRA VEZ DA PSICANÁLISE)</b>	
<b>Alfredo Jerusalinsky</b>	<b>60</b>
RESENHAS	66
<b>“POR QUE A PSICANÁLISE?”</b>	<b>66</b>
<b>“A PASSAGEM ADOLESCENTE”</b>	<b>69</b>
AGENDA	72

Nº 82 – ANO IX

AGOSTO – 2000

## PSICANÁLISE A CÉU ABERTO